



Ministério

Adventista

Maio-Junho de 1962



Os Dons do Espírito

URIAH SMITH

OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA crêem nos dons do Espírito. Crêem que as variadas operações do Espírito de Deus, tendo sido outrora expressamente estabelecidas na igreja, I Coríntios 12, Efésios 4, destinavam-se a continuar nela até o fim....

Seu fruto é demonstrar que a fonte donde procedem é o oposto do mal.

Eles levam à mais pura moralidade. Desencorajam todos os vícios, e apelam à prática de todas as virtudes. Revelam os perigos pelos quais temos que passar para conseguir o reino. Revelam os engenhos de Satanás. Advertem-nos contra seus laços. Têm cortado pela raiz toda trama de fanatismo que o inimigo tem tentado imprimir em nosso meio. Têm exposto ocultas iniquidades, trazido à luz males encobertos, e pôsto a nu os maus motivos dos traiçoeiros. Têm guardado de perigos a causa da verdade em todos os sentidos. Têm-nos avivado e reavivado para maior consagração a Deus, e mais zelosos esforços para a santidade de coração, e maior diligência na causa e serviço de nosso Mestre.

Eles nos conduzem a Cristo. A semelhança da Bíblia, eles O apresentam como a única esperança e o único Salvador da humanidade. Eles retratam diante de nós, em traços vivos, Sua vida santa e Seu divino exemplo, e com apelos irresistíveis, insistem para que sigamos Seus passos.

Eles nos conduzem para a Bíblia. Apresentam esse livro como a inspirada e inalterável Pa-

lavra de Deus. Exortam-nos a tomarmos essa Palavra como nosso conselheiro, e regra de nossa fé e prática. E com um poder impelente, instam-nos a estudar com mais tempo e diligentemente suas páginas, e familiarizar-nos com seu ensino, pois ela nos deve julgar no último dia.

Têm trazido conforto e consolo a muitos corações. Têm fortalecido os fracos, animado os vacilantes, e erguido os desalentados. Têm trazido ordem na confusão, endireitado caminhos tortuosos, e lançado luz onde havia trevas e obscurantismo. E nenhuma pessoa com espírito despreconcebido pode ler seus comovedores apelos e majestosa moralidade, sua exaltação a Deus e ao Salvador, suas exortações a tudo que é santo e de boa fama, sem que seja compelida a dizer: "Estas não são palavras de quem tem demônio."

Eles jamais conheceram o aconselhar com o mal ou imaginar maldades. Nenhum exemplo se pode encontrar em que eles tenham abaixado a norma da moralidade. Nenhum de seus adeptos jamais foi por eles levado às veredas da transgressão e do pecado. Eles não levam o homem a servir a Deus com menos fidelidade, ou amá-lo com menos fervor. Eles não conduzem a nenhuma das obras da carne, nem tornam menos devotos e fiéis os cristãos que crêem nêles. Em nenhuma simples instância pode qualquer das coisas aqui mencionadas ser apontadas contra eles; e a respeito dêles podemos, com ênfase, repetir a pergunta feita por Pilatos aos judeus, a respeito do Salvador: "Mas que mal fez Este"? — *Review and Herald*, junho 12, 1866.



Ilustrações

Órgão publicado bimestralmente pela Associação Ministerial da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Editado pela Casa Publicadora Brasileira Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Luiz Waldvogel
Redator — Arnaldo B. Cristianini
Colaborador especial: J. J. Aitken

Brasil	
Assinatura Anual	Cr\$ 500,00
Número Avulso	Cr\$ 85,00
Estrangeiro	
Assinatura Anual	US\$ 2,00
Número Avulso	US\$ 0,35



Ano 27 No. 3

OS DONS ESPIRITUAIS	Uriah Smith	2
Um Raminho de Trigo		3
A Espada que Mais Falta Fazia		3
Com Deus		3

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

A Supremacia da Bíblia	Enoch de Oliveira	4
-----------------------------	-------------------	---

ARTIGOS GERAIS

Quando Prospera a Causa de Deus	W. E. Murray	5
A Mão de Deus no Movimento Adventista	Heitor J. Peverine	7
A Vida e Obra de Ellen G. White	João Tabuena	9
Uma Inspiradora Filosofia Educacional	J. N. Siqueira	12
O Encargo do Senhor	Margaret Rossiter White	13

OBRA PASTORAL

Apologia do Missionário	André Achata Cabrera	15
-------------------------------	----------------------	----

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

Pequeno Curso Sobre o Grande Plano de Deus	Artur G. Utz	17
--	--------------	----

EVANGELISMO DA SAÚDE

"A Minha Comida"	E. E. Cleveland	19
------------------------	-----------------	----

OS ASD RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOUTRI-NA		21
--	--	----



Um Raminho de Trigo

É-nos dito que na tórre de uma igreja, em certa cidade da Alemanha, há um sino que tem estampada a figura de um pequeno ramo de trigo de seis espigas, contendo a data de 15 de outubro de 1729. O primeiro sino instalado nessa tórre era tão pequeno que seus sons não podiam ser ouvidos nas extremidades da vila. Era necessário nôvo sino, mas a vila se compunha de pessoas tão pobres e não era viável arrecadar-se dinheiro. Um domingo, o mestre-escola observou que, da parede da igreja, germinava uma verde haste de trigo, cuja semente ali caíra de um pássaro que por ali voara. Imediatamente pensou que esta haste de trigo poderia ser levada a produzir o necessário sino. Esperou até que o trigo amadurecesse e pudesse colhêr as seis espigas. Assim o fêz, e as semeou em seu quintal. No ano seguinte semeou de nôvo tôda a safra. Em virtude da falta de espaço, dividiu com os vizinhos que continuaram a semear e colhêr dêste trigo durante oito anos. O dinheiro obtido com a vendagem dêle foi entregue à igreja e pôsto num fundo para a aquisição de nôvo sino. Finalmente foi comprado o sino, e sua história se acha desenhada nêle. Podemos não ser capazes de obrar grandes coisas ou trazer grandes dádivas, mas se nos lançarmos aos pés de Jesus, o pouco que temos, Êle o usará, o multiplicará e o abençoará. — *Illustrations for Preachers and Speakers*, Keith L. Brooks.

A Espada que Mais Falta

Quando Eduardo VI da Inglaterra foi coroado, foram-lhe trazidas três espadas, símbolo de que êle reinava sôbre três nações. Contudo não se sentiu satisfeito.

— Ainda falta uma — disse êle.

Quando os nobres que o rodeavam perguntaram qual era, respondeu:

— A Bíblia. Êsse Livro — acrescentou — é a Espada do Espírito e deve ter a primazia sôbre estas espadas.

A seguir ordenou que lhe fôsse trazida uma Bíblia, que lhe foi entregue reverentemente.

Vós que lestes a história de seu curto reinado sabeis como êle sempre procurou governar de acôrdo com os preceitos bíblicos. — *More Illustrations and Quotable Poems*, A Bernard Webber.

Com Deus

Fiz na vida o meu escudo
desta verdade sagrada:
o nada com Deus é tudo,
e o tudo, sem Deus, é nada ...

Autor desconhecido



A Supremacia da Bíblia

ENOCH OLIVEIRA

Entre inúmeras obras de arte encontradas no interior de uma vetusta igreja situada na cidade de Hamburgo, Alemanha, há uma estátua de mármore imponente e expressiva, representando o vidente de Patmos. Com grande imaginação, e extraordinária habilidade artística, o escultor apresenta o discípulo do amor, absorto, debruçado sobre um pergaminho, tendo em sua mão direita uma pena com a qual ele parece estar escrevendo. Atrás do apóstolo destaca-se a figura suave de um anjo que o assiste, guiando com a sua mão a pena do revelador.

Esta obra de arte mui apropriadamente ilustra o incansável labor literário da Sra. White, também assessorada, consoante o seu testemunho, por alguém que a orientava, a quem ela chamava: "meu anjo assistente", "meu guia", ou "meu instrutor".

Quão relevante tem sido a influência destes escritos, não somente no período formativo do movimento adventista, mas também na edificação e aperfeiçoamento da igreja através dos anos!

Seus mensagens comunicaram alento e coragem aos perplexos e desorientados pioneiros que, após o melancólico desapontamento de 1844, buscavam, com oração, um caminho de luz. Seus testemunhos repassados de censura, silenciaram o fanatismo que, nos primórdios, perigosamente conspirava contra os triunfos da pregação adventista. As instruções e conselhos que procederam de sua pena inspirada, estimularam a adoção de um vibrante e vitorioso programa de evangelização mundial. Seus escritos orientaram com segurança a fundação de escolas, a edificação de instituições médicas e o estabelecimento de casas publicadoras, tendo em vista dinamizar a proclamação da triplice mensagem angélica.

Porém, ao afirmar a nossa crença na inspiração dos escritos da Sra. White, não pretendemos que eles sejam uma segunda Bíblia, apoucando deste modo a supremacia do Livro de Deus. "A Bíblia tão somente", eis a nossa única e insubstituível regra de fé e doutrina.

Jamais pretendeu a Sra. White que seus escritos fossem uma outra Bíblia, ou mesmo uma adição ao cânon sagrado das Escrituras. Em seu primeiro livro, publicado em 1851, ela declara: "Re-

comendo-vos, prezado leitor, a Palavra de Deus como vossa regra de fé e prática. Por essa Palavra havemos de ser julgados. Nessa Palavra, Deus prometeu dar visões nos 'últimos dias'; não para ser uma regra de fé, mas para conforto de Seu povo e para corrigir os que se desviam da verdade bíblica". — Early Writings, pág. 78.

Em um dos seus primeiros artigos, salientando o primado das Escrituras, destacou Tiago White: "A Bíblia é uma revelação perfeita e completa. É nossa única regra de fé e prática. Isto, porém, não é razão para que Deus não possa mostrar o cumprimento passado, presente e futuro de Sua palavra, nestes últimos dias, por meio de sonhos e visões, segundo o testemunho de Pedro. As genuínas visões são dadas a fim de levar-nos a Deus, e Sua palavra escrita; mas as que são dadas como nova regra de fé e prática, separam da Bíblia, não podem ser de Deus, e devem ser rejeitadas." — A Word to the "Little Flock", pág. 13.

Algumas décadas mais tarde, a Review and Herald reproduziu em suas páginas uma significativa declaração de Jorge I. Butler, então presidente da Associação Geral. Ei-la:

"A maioria dos nossos crentes acredita serem essas visões genuína manifestação dos dons espirituais, e como tais, acharem-se intituladas ao respeito. Não as consideramos superiores à Bíblia, ou em certo sentido, iguais a ela. As Escrituras são nossa regra para provar qualquer coisa, tanto as visões, como as demais coisas. Essa regra, portanto, é da mais alta autoridade; o padrão é mais elevado que aquilo que é por ele aferido. Caso a Bíblia demonstrasse que as visões não se achavam em harmonia com ela, a Bíblia permaneceria, ao passo que as visões seriam abandonadas. Isto mostra claramente que estimamos mais as Escrituras, a despeito do que dizem nossos inimigos". — Review and Herald, Suplemento de 14 de agosto de 1883.

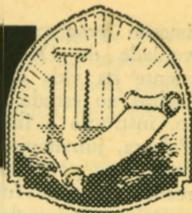
Nos anais da Assembléia da Associação Geral, realizada em Washington, D. C., em 1909, estão registadas as palavras memoráveis proferidas pela mensageira de Deus aos delegados reunidos. Após haver apresentado uma significativa mensagem, ante um numeroso auditório, a Sra. White ergueu a Bíblia com as mãos trêmulas e debilitadas pela idade, e sentenciou: "Irmãos e irmãs, recomendo-vos o Livro".

Entretanto, malgrado estas inequívocas declarações, e numerosas outras encontradas em nossa literatura denominacional, os adversários da mensagem adventista continuam acusando-nos, com impertinência, de que nós acrescentamos, ao cânon da Escritura, todos os escritos da Sra. White.

Não podemos negar que, algumas vezes, em nossa pregação, temos dado margem a esta equivocada interpretação. Lembro-me de um ministro que pregou, certa vez, sobre a Santificação. Na exposição deste importante tema, ele leu algumas vigorosas e oportunas declarações contidas nos Testemunhos. A Bíblia, entretanto, permaneceu cerada sobre o púlpito. Foi evidente naquela manhã, a supremacia dos Testemunhos sobre as Escrituras. Quão cuidadosos deveríamos ser!

Aceitamos, é certo, como inspiradas as cem mil páginas escritas pela mensageira deste movimento. Mas, não diminuímos, de modo algum, a nossa crença na soberania da Palavra de Deus.

(Continua na pág. 24)



Quando Prospera a Causa de Deus

W. E. MURRAY

(Vice-presidente da Associação Geral)



QUANDO a causa de Deus prospera, o faz geralmente em consequência de avivamento espiritual. O passo fundamental para o reavivamento consiste no estudo e meditação da inspirada Palavra de Deus. Deus chamou a atenção de Seu povo para a importância deste estudo de Sua Palavra. Ela é poderosa. Gera energia espiritual. Provê orientação espiritual como nenhuma outra fonte o faz. Persuade os homens a volverem do pecado para a justiça. Indú-los à mais profunda consagração no serviço cristão. Estes progressos na vida cristã são realizados pelo estudo da Palavra de Deus, e pela meditação nos seus divinos preceitos e promessas. Não há substituto para a leitura e estudo da Palavra de Deus.

Esdras, o escriba, foi um homem preparado para exercer especial influência no povo de Deus por ocasião do retôrno do cativeiro babilônico. Ele atraía a atenção do rei Artaxerxes — com quem freqüentemente conversava acêrca do Deus do Céu. A certa altura de sua experiência, foi impressionado pelo Espírito de Deus a buscar um mais elevado plano de espiritualidade. “Porque Esdras tinha preparado o seu coração para buscar a lei do Senhor e para a cumprir e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus direitos” (Esdras 7:10). Muito se pode depreender desta curta passagem bíblica. O primeiro fato a observar é que Esdras preparou resolutamente o coração para estudar as Escrituras. Este estudo envolvia diligente investigação da verdade. Isto significava um incessante debruçamento sôbre as páginas sagradas, em fervorosa oração. O estudo profundo e dedicado deve incluir profunda meditação e incessante assimilação da verdade no espírito. Ellen G. White assim se refere aos estudos feitos por Esdras:

Esdras deu especial atenção às experiências de Israel desde o tempo em que a promessa foi feita a Abraão. Ele estudou a instrução dada no Monte Sinai, e através do longo período da peregrinação no deserto. Ao aprender mais e mais sôbre o trato de Deus com Seus filhos, e compreender a santidade da lei dada no Sinai, o coração de Esdras foi tocado. Ele experimentou uma nova e completa conversão, e se determinou dominar os registros da História Sagrada, para que pudesse usar êsse conhecimento de molde a levar bênção e luz ao seu povo. — *Profetas e Reis*, pág. 608.

Ao familiarizar-se com as Escrituras e as grandiosas verdades nelas contidas, seu trabalho consistia na prática do princípio de justiça em sua própria vida.

Esdras procurou alcançar preparo de coração para a obra que cria ter diante de si. Ele procurou a Deus ferventemente, para que pudesse ser sábio mestre em Israel. À medida que aprendia a render a mente e a vontade ao divino contrôle, eram levados ao início de sua vida os princípios da verdadeira santificação que, nos últimos anos, tiveram modeladora influência, não sômente sôbre a juventude que buscava sua instrução, mas sôbre todos os que se associavam com êle. — *Idem*, págs. 608 e 609.

A atividade suprema de Esdras foi ensinar a outros as preciosas verdades do reino. Esdras deve ter sido um talentoso ensinador, pois o registro bíblico declara: “Era escriba hábil na lei de Moisés.” Sua firmeza pessoal e reverência pelas coisas divinas são testemunhadas por sua atitude diante do povo em certa ocasião. Ele “abriu o livro perante os olhos de todo o povo;... e abrindo-o êle, todo o povo se pôs em pé.” Êle “louvou ao Senhor... e todo o povo respondeu: Amém, Amém!” A seguir, reverentemente, o povo inclinou a cabeça e adorou ao Senhor.

Somos informados que, no segundo dia, o povo, de livre e espontânea vontade, ajuntou-se para “atentarem nas palavras da lei.” Como consequência da liderança de Esdras no estudo das Escrituras, começaram a celebrar as festas que, por muito tempo, se achavam esquecidas. Ao se ajuntarem, dia a dia, as Escrituras eram lidas. Muitas referências revelam que o ministério de Esdras produziu uma reforma.

Onde quer que Esdras laborasse, aí se suscitava um reavivamento no estudo das Santas Escrituras. ... Os livros dos profetas eram examinados, e as passagens que prediziam a vinda do Messias levavam esperança e conforto a muito coração triste e cansado. — *Idem*, pág. 623.

A obra de Esdras iniciou um reavivamento espiritual, que foi devida ao fato de o povo de Deus ser levado de uma condição de frieza, irresolução espiritual, e desânimo para uma atitude de confiança nos propósitos divinos, e de santa intrepidez no cumprimento do grandioso plano que se desenvolvia para diante até a fase maravilhosa em que o Filho do homem deveria vir à Terra. Um farol deveria manter-se aceso para mostrar a verdade de Deus às nações ao derredor. O povo dos dias de Esdras tinha uma parte a desempenhar no

imenso programa do amável Pai celestial. A verdade de Deus deveria ser vivida completamente na vida diária. O dedicado ministério de Esdras no estudo das Escrituras, e o conhecimento, instrução e inspiração espirituais provindos da Palavra, juntamente com o poder do Espírito, prepararam o povo para a grande responsabilidade de reedificarem os fundamentos do reino.

Os princípios do reino são os mesmos de hoje como eram nos dias de Esdras. O povo chamado por Deus para realizar grandes coisas em favor de Sua causa verificará que unicamente um dedicado estudo da Palavra pode cumprir os deveres exigidos. Um complemento necessário é seguir as grandes verdades na vida diária. Todos os resultados espirituais que se seguiram à obra de Esdras, e mais, nos virão neste tempo se examinarmos as Escrituras, buscando nelas orientação, ânimo e inspiração espiritual.

Neste tempo, nós, como adventistas do sétimo dia, esperamos grandes avanços em direção ao reino. Estamos exatamente no limiar de grandiosos e significativos acontecimentos das mais amplas conseqüências. A História está sendo feita a grande velocidade. Acontecimentos que, no passado, levariam anos a ocorrer, hoje se dão em apenas meses ou dias. Estamos exatamente no tempo em que o Espírito Santo deve ser derramado para a finalização da obra de Deus na Terra. As

manobras das forças do inimigo predizem e eclodem de perseguições religiosas. Vivemos em tempos que exigem especial discernimento espiritual para identificar as influências sutis do inimigo que se arrasta sobre a Terra como uma fera que espreita sua presa. O desafio de levarmos o evangelho da breve vinda do Senhor surge diante de nós em maiores proporções e com maiores exigências de dia para dia. Devemos estar apenas a curta distância, provavelmente mais próximos do que a maioria pensa, das desafiantes experiências, como o "selamento", o "tempo da sacudida," e do tempo descrito no décimo-terceiro capítulo de Apocalipse, em que os cristãos sinceros terão que tomar firme posição ao lado da verdade de Deus, e aos que assim fizeram não se permitirá comprar ou vender.

Enfrentando as Crises Atuais

Para enfrentarmos as crises geradas por estes acontecimentos, requer-se de nós o mais dedicado e profundo estudo das Escrituras. Estamos num terreno vantajoso, comparado com os tempos dos patriarcas e profetas da Bíblia. Temos o benefício de ambos os Nôvo e Velho Testamentos completos. Então pela providência de Deus temos os escritos do Espírito de Profecia. Há cinquenta e dois livros desta coleção em língua inglesa, e muitos publicados nos principais idiomas do mundo. Estes livros elucidam e explicam os propósitos de Deus em linguagem e circunstâncias de nossa própria época.

Nossa grande necessidade neste tempo é, em primeiro lugar, o estudo das Santas Escrituras e, em segundo, o estudo dos escritos do Espírito de Profecia. Ao acreditarmos isto, reconhecemos que muitos entre nós são dedicados estudantes destas duas fontes de instrução espiritual e inspiração. Apelamos, porém, aos que admitem não terem dado atenção a estes escritos, que eles na verdade têm mérito. E insistimos com os que têm sido diligentes estudiosos da Palavra e dos Testemunhos, a se animarem e se aprofundarem mais em seus estudos, e anunciarem ainda com maior entusiasmo as maravilhosas verdades que devem ser conhecidas agora.

Se estudarmos partes das profecias de Daniel e do Apocalipse, e lermos no *O Conflito dos Séculos* capítulos como "A Última Advertência" e "O Conflito Iminente", que solene aspecto assumiria nossa vida. Cada dia teria para nós nova importância e novo significado. À medida que outros capítulos são estudados e todo o livro é lido, novos conceitos espirituais germinariam e cresceriam em nosso coração, e seríamos grandemente influenciados para que Deus obrasse Seu caminho completamente em nossa vida.

Ao contemplarmos o grande desafio de levarmos a mensagem evangélica da breve vinda do Senhor, que maravilhosa inspiração nos viria de um estudo deliberado e profundo do livro de Atos na Bíblia, e a leitura do precioso volume *Atos dos Apóstolos*. Por sermos lembrados da maneira como o Senhor conduziu a igreja na era apostólica, em sua vitoriosa marcha para o mundo conhecido de então, poderemos ver, não com a visão obnubilada de quem vê "árvores que andam", mas com a visão claríssima, como Deus conduzirá Seu povo para a vitória no fim do tempo, em disse-

26 de Maio — Dia do Espírito de Profecia

Em outra parte (revista IDE) se providenciou o material para o programa a ser realizado na igreja no dia 26 de maio, oficialmente designado "Dia do Espírito de Profecia." À página 2 desta edição reproduzimos algumas memoráveis palavras sobre a vida e a obra da Sra. White. Lembremo-nos de que o principal argumento em favor de qualquer dom de Deus ao homem não é o milagre, nem necessariamente a predição, mas o resultado da operação destes dons em conduzir os homens a Cristo e a Deus. Os resultados da influência da Sra. White podem ser vistos na operação da Igreja Adventista do Sétimo Dia em todas as partes do mundo. Os homens são salvos do pecado, levados a uma vida devotada e santificada, inspirados a um serviço ativo em favor de Deus, pelos ensinamentos baseados na Bíblia e Cristocêntricos da serva de Deus. Pregamos da Palavra, utilizando as palavras da Sra. White como material confirmante e inspirador, e maravilhosos são os resultados.

minar as verdades de Deus em toda a Terra. Creemos que multidões buscarão conhecer as preciosas verdades da Bíblia exatamente antes do fim. Que cada membro e cada ministro respondam à pergunta: "Estou pronto a fazer minha parte neste significativo movimento? Quando aqueles "milhares num só dia" vierem para a verdadeira igreja, será de grande ajuda minha atividade pessoal?"

Revelam-nos as Escrituras que haverá perseguições no fim do tempo, em que as falsas religiões, conforme é predito, se levantarão para desafiar a pura fé da Bíblia. Ellen G. White tem excelente instrução sobre como se devem conduzir os fiéis naqueles tempos perigosos. No atual "Index" de seus escritos há oitenta e cinco referências sob o verbete "Perseguição." Todas são inspiradoras e instrutivas. Se estudássemos as referências às perseguições contidas na Bíblia, ou mesmo um quarto ou metade destas oitenta e cinco referências no Espírito de Profecia, teríamos uma compreensão do que significa este grande assunto para nós como indivíduos.

A seguir há o assunto "O derramamento do Espírito Santo." Jesus dissera a Seus seguidores para orarem por isto. Explicou como o Espírito ministraria à igreja, e seria derramado em "toda a carne". E a mensageira do Senhor nos relata al-

gumas impressionantes verdades acerca do Espírito e Sua maravilhosa operação. Estes são aspectos de nossa instrução religiosa que não se pode, nem se ousa negligenciar. O Espírito Santo trará todas as demais bênçãos consigo.

Não permite o espaço mencionar uma relação de outros importantes assuntos que todos deveríamos estudar e ler para o preparo para enfrentar os solenes acontecimentos que estão para ocorrer. Creemos que soou a hora para maior devoção da parte de todos no estudo da Palavra e dos Testemunhos. Chegou o tempo em que o estudo diário de assuntos religiosos é um imperativo na vida do cristão que espera poder permanecer firme ao lado da justiça em nosso tempo. Como nos dias de Esdras, estamos num tempo crucial de experiência para a igreja. Temos que revelar interesse renovado nos escritos da inspiração. Ao estudarmos as grandiosas verdades da inspiração, ou pela primeira vez, ou como estudo repetido, nossa idéia e entendimento serão aprofundados pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo, e estaremos preparados para o glorioso triunfo da causa de Deus, e teremos parte nêle.

Possa isto ser o maravilhoso privilégio de todos os que invocam o nome do Senhor Jesus!

A Mão de Deus no Movimento Adventista

HEITOR J. PEVERINI

Presidente da União Austral



Senhor estava com eles". E do movimento adventista, a igreja remanescente, pode afirmar-se com indubitável segurança e corações agradecidos, que a mão de Deus o ergueu, e conduziu até agora, guiando-o até seu triunfo final e completo.

Mediante circunstâncias providenciais, a mão do Senhor guiou o povo de Israel através de uma coluna de fogo durante a noite e uma nuvem durante o dia. "O anjo de sua face", "em seu amor e em sua bondade os redimiu, e os vestiu, e os ergueu todos os dias do século"; e o maior dos profetas antigos

foi o seu dirigente visível. "Mas o Senhor por meio dum profeta fez subir a Israel do Egito, e por um profeta foi êle guardado" (Oséias 12:13).

Muitos foram os recursos que a divina Providência enviou para que Israel saísse do Egito no dia designado e chegasse a salvo em Canaã; para que a seu tempo e com êxito ocasionasse o retorno dos cativos a Jerusalém sob a direção de Zorobabel; e para que no tempo e lugar exatos se desenvolvesse a igreja cristã; como foram o Descobrimento da América, a Reforma do Século XVI, a Revolução Francesa, e a independência das colônias americanas—especialmente as do Norte—como também a fundação das sociedades bíblicas, feitos históricos que prepararam o cenário e o tempo do movimento adventista.

Isto foi, não obstante, o cumprimento das profecias e a intervenção pessoal dos profetas, o que revelou de maneira evidente que a mão de Deus dirige os grandes movimentos religiosos de inspiração divina.

"E aconteceu que, passados os quatrocentos e

trinta anos, naquele mesmo dia, todos os exércitos do Senhor saíram da terra do Egito" (Êxo. 12:41).

No ano 536 A. D., no final dos setenta anos preditos por Jeremias (25:11 e 12) e mencionados por Daniel (9:2), regressaram os cativos de Jerusalém, sob a direção de Zorobabel.

E "vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho". Ao iniciar-se a septuagésima semana de Daniel (9:24-27), no ano 27 A. D., o Salvador foi ungido; foi crucificado no ano 31, e no ano 24, ao término das setenta semanas, o evangelho começou a ser pregado aos gentios de forma nova e poderosa.

Dêste modo, no fim dos 2.300 anos preditos no capítulo 8 de Daniel, surgiu o movimento adventista. Lacunza na América do Sul, Gausson na França e Suíça, Bengel na Alemanha, Hentzepeter na Holanda, Irving na Inglaterra, Wolff no Egito, Abissínia, Palestina, Síria, Persia, Índia e outros países; Guilherme Miller, José Himes, Josias Litch, Carlos Fitch, Tiago White, José Bates e outros na América do Norte, pregaram então com poder e fervor a proximidade do segundo advento de Cristo. Alguns dêles, especialmente na América do Norte, criam que o acontecimento teria lugar primeiramente em 22 de abril de 1844, e logo depois em 22 de outubro desse mesmo ano. Mas ficaram desapontados.

Não era a igreja adventista do sétimo dia, o movimento que passou pelo desapontamento de 22 de outubro de 1844. Mas indubitavelmente a mão de Deus estêve nêle. Desenvolveu-se de acôrdo com a profecia do capítulo 10 de Apocalipse e contribuiu decididamente para o nascimento e organização da igreja remanescente: uma igreja profética, com a fé Cristocêntrica, baseada na permanente e sólida Palavra de Deus, uma igreja movida pela esperança da breve volta de nosso Senhor Jesus Cristo, e auxiliada pelo Espírito de Profecia.

Depois que o grande desapontamento quase desintegrou e dissolveu o movimento adventista, Deus estendeu novamente Sua mão com redobrada graça e poder. Como o divino Oleiro, ajuntou os pedaços, remodelou o corpo da Sua igreja, iluminou-a com novas revelações de Sua vontade e a ergueu com a força de Seu braço, para guiá-la nos caminhos de "tôda nação, tribo, língua e povo", a fim de iluminar a Terra com a glória da última mensagem de misericórdia e salvação.

Em dezembro de 1844, Ellen Gould Harmon recebeu sua primeira visão. Algum tempo, Guilherme Foy e Hazen Foss tiveram praticamente a mesma visão, mas negaram-se a expô-la. Se a tivessem relatado, teriam preservado do escárnio a muitos. Mas ao tempo exato, a mão de Deus ergueu a Sua mensageira escolhida. Depois que a grande desilusão separou a palha do trigo, e os melhores grãos estavam dispostos a alimentarem-se da Palavra de Deus e respirar a atmosfera da oração, foi necessário um profeta mediante o qual o Senhor proporcionasse alimento, conselho e repressão a Seu povo.

O Dom de Profecia, manifestado em Ellen G. White, desde o princípio cumpriu o propósito divino. Devagar mas progressivamente foi aceita pelos adventistas. Fortaleceu seu enlanguescente valor e fé.

Nos anos de 1845 e 1846, mais que em qual-

quer outro tempo, enfrentaram-se manifestações de fanatismo: falsos conceitos de santidade, demonstrações físicas da suposta presença do Espírito, culto à ociosidade, falsa humildade, determinação de novas datas para a segunda vinda de Cristo, e outras extravagâncias. (Veja em *Ellen G. White, Mensageira da Igreja Remanescente*, págs. 70-72.)

Contribuiu para o desenvolvimento e unidade das doutrinas da igreja, confirmando as conclusões às quais chegaram, com fervorosa oração, os estudos das Escrituras Sagradas, no que tange à segunda vinda de Cristo, à guarda dos mandamentos de Deus, dentre os quais o quarto, às três mensagens angélicas de Apocalipse 14, ao ministério de Cristo no santuário celestial, à mortalidade da alma, à justificação pela fé.—*Idem*, págs. 73-88.

Da mesma forma o Espírito de Profecia contribuiu para o desenvolvimento de ordem da igreja, sua organização, seu plano de trabalho e seu avanço até aos confins da Terra, através do tempo, em suas diferentes atividades.

Em 1848, a irmã White disse a seu espôso que devia imprimir um periódico, que seria pequeno de início, mas que dêsse começo brotariam caudais de luz que circundariam o mundo. (Veja *Vida e Ensinos*, cap. 22.) Mais tarde deu conselhos sobre a fundação de casas publicadoras e a publicação de livros e folhetos. Hoje temos 44 casas publicadoras e filiais, publicando 309 periódicos e milhares de livros e folhetos, em 220 idiomas.

Já em 1856, no princípio da história da igreja remanescente, iniciou-se a obra de educação. Pouco depois Deus trouxe para as fileiras da fé a G. H. Bell, experimentado educador, que fundou uma escola de êxito. Não demorou muito e vieram os admiráveis conselhos do Espírito de Profecia com respeito ao estabelecimento de escolas ou colégios de educação integral. Êstes conselhos figuravam em livros tais como *Educação, Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, etc. Embora não estejam ao todo à altura dêles, 4.500 escolas primárias e mais de 350 colégios secundários e superiores dão testemunho da direção divina neste ramo da obra da igreja remanescente.

Em assunto de saúde e temperança, os primeiros passos foram dados no início de nossa história pelo pastor José Bates. Em 1863, a mensageira do Senhor recebeu instruções definidas sobre os princípios de um viver sadio e em 1866, foi criada a primeira escola de enfermeiras da nossa organização; e em 1895, a Faculdade de Medicina. Hoje uma cadeia de mais de 200 sanatórios e salas de tratamento, e a publicação de muitos livros, revistas e folhetos, provam com eficiência a presença da mão guiadora de Deus na obra médica adventista, mediante os recursos de Sua providência e do Dom de Profecia.

Testemunho igual poderia ser dado dos demais departamentos ou ramos de trabalho: a pregação da Palavra, as escolas sabatinas, os missionários voluntários, a liberdade religiosa, a atividade missionária dos membros da igreja, a obra de beneficência e assistência social.

Seria muito extenso se quiséssemos enumerar os casos mais extraordinários da intervenção divina, mediante Seu instrumento escolhido, para guiar a Sua igreja nos momentos difíceis ou em medidas decisivas para o progresso da terceira mensagem angélica em seus diferentes aspectos.

Basta lembrar os conselhos da irmã White com respeito à organização em 1850, 1861, 1863 e 1901. Basta lembrar casos específicos como sua intervenção no estabelecimento e desenvolvimento do colégio missionário de Avondale, Austrália; a transferência dos escritórios da Associação Geral para Washington; a crise da obra de publicações de 1902, que terminou com o fortalecimento da causa publicadora de Nashville. (Veja *El Permanente Don de Profecia*, por A. G. Daniells, págs. 338-388.)

A vida espiritual de Seu povo tem sido objeto especial do interesse e amor de Deus e das mensagens de Sua serva, a Sra. White. Obras definidas o provam, como as instruções recebidas por volta do ano 1890 acêrca da justificação pela fé, as mensagens que enfrentavam o panteísmo no início do século, e a provisão dos nove volumes dos *Testimonies* e livros como *Vereda de Cristo*, *Parábolas de Jesus*, e a série do *Conflito dos Séculos: Patriarcas e Profetas, Profetas e Reis, O Desejado de Todas as Nações, Atos dos Apóstolos e Conflito dos Séculos*.

Atualmente, graças à mão guiadora do Senhor, e de acôrdo com as instruções de Sua Palavra e do Dom de Profecia manifestado em E. G. White, a igreja remanescente tem estendido seu trabalho através de 200 nações do mundo; prega a mensagem do terceiro anjo em mais de 780 línguas e dialetos, e se dispõe a dar, com o poder do Espírito Santo, a terrível proclamação de Apocalipse 18.

Podemos dizer com Samuel: "Até aqui nos ajudou o Senhor" (I Sam. 7:12), e repetir as palavras da serva do Senhor: "Nada temos que recuar quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado" (*Test. Seltos*, Vol. 3, pág. 443).

A promessa "instruir-te-ei, e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir; guiar-te-ei com os Meus olhos" (Sal. 32:8), é para nós hoje. A igreja bem pode dizer com o salmista: "Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali, a Tua mão me guiará e a Tua destra me sustentará" (Sal. 139:9 e 10).

A Vida e Obra de Ellen G. White

JOAO TABUENCA

Professor de Bíblia no Colégio Adventista do Chile



FOI no decorrer do ano de 1842 que o Senhor quis dar luz e direção aos crentes adventistas antes do grande desapontamento de 1844. Através de um sonho profético o Senhor falou a Guillermo Foy, de Boston, Massachusetts, mostrando-lhe a viagem do povo de Deus até a Santa Cidade. Recebeu duas visões. Grande multi-

dão se reuniu para ouvi-lo falar e contar o que vira a respeito do Céu e da Terra renovada. Pouco antes do desapontamento de 1844, Deus lhe deu uma terceira visão, mostrando-lhe três plataformas. A visão representava a obra dos três anjos de Apocalipse 14, mas Foy não pôde compreendê-la porque esperava que Jesus viesse muito em breve. Entretanto não fez esforço algum para contá-la aos outros.

Pouco antes do grande desapontamento de 22 de outubro de 1844, Deus deu três visões a Hasen Foss, de Maine. Foss cria que o Senhor viria nessa data. Parecia que este homem fôra favorecido por uma série de características pessoais para ser o verdadeiro instrumento de Deus. Foi-lhe revelada a viagem que o povo de Deus realizaria para chegar à Santa Cidade e também apresentar-lhe os perigos que teria de enfrentar. Apresentaram-se-lhe as dificuldades e perseguições que o mesmo enfrentaria, caso relatasse fielmente o que lhe fôra mostrado. Da mesma maneira que Foy, viu três plataformas nas quais o povo de Deus devia passar à medida que se aproximasse da cidade. En-

tretanto Hazen Foss não aceitou a tarefa que lhe fôra confiada, e recusou relatar a visão.

Pela segunda vez recebeu a mesma visão, e foi-lhe dito que se recusasse relatar, ficaria livre da responsabilidade. Tornou a recusar. E na terceira visão foi-lhe dito que estava livre, e que a responsabilidade de comunicar a visão recairia sobre "a mais fraca das fracas", cumprindo ela com o pedido divino. Foss raciocinou tarde demais e quando sentiu que Deus Se apartara, tirando-lhe o poder e a missão conferidos, por não mostrar-se digno de seu elevado encargo, exclamou: "Sou um homem perdido!"

Alguns meses depois do desapontamento, Deus chamou uma terceira pessoa para que fôsse Sua mensageira. O chamado ocorreu durante uma reunião de oração em que cinco mulheres piedosas pediam mais luz. Isto aconteceu em Portland, Maine, na casa da Sra. Haines. A Srta. Ellen Gould Harmon (que depois tornou-se Sra. Ellen G. White), de 17 anos de idade e de saúde precária, estava nesse grupo de oração. Sua saúde foi gravemente perturbada pelo acidente que teve aos 9 anos de idade e que a prejudicou pelo resto da vida. Ellen viu em visão grande parte do que Deus revelara a Foy e Foss. Quanto consôlo e luz receberam tanto ela como as pessoas a quem relatou a visão! Quão oportuna foi esta mensagem para aquela hora amarga! Foi esta a primeira de umas mil visões que esta mensageira de Deus recebeu, "a mais fraca das fracas", durante 72 anos subsequentes de sua vida. Durante este tempo es-

creveu umas cem mil páginas repletas de conselhos divinos para o povo de Deus, as quais se acham nuns 53 livros que legou à igreja remanescente.

A vida de Ellen G. White foi preparada para a grande missão que Deus lhe confiaria. Aos 9 anos recebeu uma pedrada no rosto que prejudicou sua saúde pelo resto dos dias. Aos 11 anos experimentou o que era a conversão e aos 12 foi batizada na igreja metodista. Aos 13 anos ouviu a Guilherme Miller realizar sua segunda série de conferências em Portland, Maine. Sentiu então que não estava preparada para a vinda de Jesus. Sua alma tinha sede da salvação, mas não sabia como aceitá-la. Por quatro anos e meio — a época mais impressionante de sua vida — o interesse absorvente de Ellen era de preparar-se para a vinda de Cristo e fazer sua parte em tornar o Salvador conhecido aos outros. Providencialmente foi induzida a buscar conselho e gozo na antecipação da glória futura que para ela era uma viva realidade.

Aos 17 anos, prostrada em oração, ficou inconsciente de tudo quanto a rodeava e recebeu a primeira visão referente às coisas que experimentaria no futuro e da vinda de Cristo. Considerada à luz das circunstâncias, não se tratava de uma mensagem comum; em verdade era fora do comum. E depois de uma luta contra sentimentos naturais de timidez, contou esta visão ao grupo de crentes adventistas de Portland. Como conheciam tanto o caráter como a profunda experiência cristã da mensageira, reconheceram que era digna de confiança e uns sessenta deles deram as boas-vindas à visão como se correspondesse a uma mensagem do Céu.

Há dois perigos¹ que ameaçam os que buscam a verdade. De um lado está o perigo de rechaçar temerariamente a verdade e de outro, o perigo de aceitar cegamente o que é falso. Por isso, a mensagem de Deus é bem clara neste sentido: "Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado" (I S. João 4:1). A fim de evitar que Seus filhos aceitem uma falsificação sutil, o Senhor acrescenta esta recomendação: "Examinai tudo; retende o bem" (I Tess. 5:21).

Na vida e obra desta mulher extraordinária existe uma sólida base de confiança para quem sinceramente anela conhecer a verdade a respeito do maravilhoso dom conferido à igreja remanescente. Ellen G. White faleceu em 1915, com a idade de 88 anos, tendo dedicado mais de 70 anos ao ministério ativo na causa de Deus. No decorrer de sua vida frutífera, saíram de sua pena milhares de páginas repletas de mensagens inspiradas, e conselhos, destinados a dirigir, orientar, admoestar e repreender. Tomando em consideração a cultura e circunstância de sua vida anteriormente assinaladas, coloca os que têm tido o privilégio de relacionar-se intimamente com seus escritos, sobre a sólida base de confiança expressada pela Palavra de Deus em Isaías 8:20 e São Mateus 7:15-21, para prová-la amplamente e saber distinguir e defini-la como uma verdadeira mensageira de Deus. Sua experiência cristã e caráter se associam aos méritos já mencionados para crer que suas afirmações de ter recebido visões celestiais fi-

quem fora de toda dúvida. Nela encontramos a exemplificação de uma vida cristã coerente. E desde sua conversão, notou-se nela o começo de uma experiência cristã fora do comum para uma menina da sua idade.

Não se pode negar que havia um poder sobrenatural relacionado com suas visões. Centenas de pessoas puderam atestar certos fenômenos físicos ocorridos durante as mesmas. Alguns desses fenômenos têm um maravilhoso paralelo com os mencionados na Bíblia. O apóstolo ao se referir à sua própria experiência disse: "... mas passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que ... (se no corpo não sei, se fora do corpo não sei: Deus o sabe) foi arrebatado até ao terceiro Céu ... Foi arrebatado ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar" (II Cor. 12:1-4). Assim também a Sra. White, enquanto se encontrava em visão, estava alheia do que a rodeava e parecia estar vendo cenas celestiais que ia descrevendo com uma expressão de doçura na face.

Outra admirável manifestação do poder sobrenatural constituía o fato de que durante as visões, conquanto durassem horas, jamais respirava, ainda que estivesse falando. A ciência não pode explicar isto. O profeta Daniel, falando de si mesmo enquanto se encontrava em visão disse: "... porque agora não resta força em mim, e não ficou em mim fôlego. E uma como semelhança de um homem me tocou outra vez, e me confortou" (Dan. 10:17 e 18). Que notável contraste com os médiuns espíritas modernos que pretendem ser os videntes bíblicos de outrora! Enquanto visitava durante uma série de conferências realizada na cidade de Buenos Aires a várias pessoas que deram seus nomes para que as visitasse, deparei-me com a desagradável surpresa de chegar a casa de um médium espírita. Qual não foi minha impressão quando pouco depois de iniciada a conversa, a pessoa a quem visitava, com olhos e uma expressão de uma pessoa sobressaltada me disse: "Tenho que lhe comunicar uma mensagem". Em seguida entrou em transe sentado a meio metro de distância de mim. Encomendei-me ao cuidado de Deus, sendo testemunha ocular do notável contraste que havia entre êle e o verdadeiro instrumento de Deus. Notei como fechou os olhos, sua face denotava um sofrimento intenso, respirava fortemente e na comissura de seus lábios aparecia um pouco de espuma. Depois de sair do transe, que durou uns 10 minutos, perguntei-lhe: "Que mensagem o Sr. me comunicou?" A resposta foi: "Não sei, porque o espírito se apossou de mim e não sei o que disse." De maneira inesperada me foi dado ver a notável diferença entre o falso e o verdadeiro.

Os fenômenos físicos que acompanhavam as visões da Sra. White não se apresentavam por si mesmos como evidências concludentes do poder divino; somente são mencionados por seu notável paralelismo com o caso dos profetas bíblicos. O pastor Artur G. Daniells, que foi presidente da Associação Geral por 21 anos e chegou a conhecer de perto a Ellen G. White, dela disse o seguinte: "Nossa própria conclusão, baseada em seus escritos, e em observações pessoais que abrangem mais de cinquenta anos, é que nunca na história da igreja Deus falou mais abertamente a seu povo,

advertindo-o dos perigos, elevando a norma de justiça e dirigindo a obra confiada a sua igreja na Terra, do que o fez mediante este instrumento de Sua escolha. — *El Permanente Don de Profecia*, pág. 303.

Numa síntese da vida e obra da Sra. Ellen G. White, podemos dizer que estão plenamente em harmonia com as verdades básicas apresentadas na Bíblia, abrangendo a ação universal da igreja de Deus com a qual se identificou inteiramente, aperfeiçoando a evangelização mundial, expondo um programa missionário a todo o mundo, prescrevendo a ordem na igreja, dando sábios conselhos sobre a obra de publicações, pugnando pela educação em matéria de saúde e temperança, defendendo os princípios de um viver sadio, sendo a administradora de várias instituições que deram hierarquia a projetos missionários de alcance mundial, intervindo providencialmente em momentos precisos com conselhos sobre instituições, designando pessoas e lugares até então desconhecidos.

Seus conselhos se fizeram sentir em horas de crises tremendas e nos salvaram de doutrinas e filosofias alheias à Palavra de Deus. Enalteceu a unidade do povo de Deus e seu extraordinário planejamento e organização mundial sob a direção de Deus mesmo. Seus conselhos nos salvaram da desorientação. Também não deixou de tomar interesse pela posição social da família. Com sua pena vigorosa combateu a escravidão, o sistema de castas, os preconceitos raciais, a opressão ao pobre, o abandono dos desafortunados e apresentou um vastíssimo panorama de valores éticos, sociais e espirituais do mais alto valor. Realmente, “pôs-se em contato com a humanidade em tôdas as suas necessidades e a elevou ao mais alto nível”.

Jamais a irmã White assegurou ser a dirigente da Igreja Adventista. Vez após vez definiu sua obra com um simples palavra — a de uma mensageira que dirigia a mensagem de Deus para que seu povo fôsse conduzido a Cristo. Não houve exaltação própria. O agente escolhido por Deus foi fiel à tarefa designada. Quantas vezes expressa em seus escritos, suas características humanas falíveis e quantas vezes sentiu a própria necessidade da graça perdoadora e poder sustentador de Deus!

Seus escritos não constituem um substituto da Palavra de Deus nem uma nova regra de fé, mas têm o propósito de elevar o nível espiritual da igreja, instruí-la, corrigi-la e guiá-la de uma maneira especial em meio aos perigos dos últimos dias. Seus escritos “levam ao mais alto nível moral, desaprovam toda espécie de vício e exortam à prática de toda virtude. Mostram os perigos pelos quais temos de passar em nossa viagem até o reino. Revelam as artimanhas de Satanás, e nos previnem contra suas ciladas. Protegem-nos de homens e movimentos fanáticos e absurdos. Acusam iniquidade ocultas e trazem à luz erros encobertos, revelando os objetivos dos infiéis. Repetidamente têm movido a igreja a uma maior consagração a Deus e a fazer esforços mais diligentes em favor dos perdidos e desgarrados.”

Na *Review and Herald*, de 26 de julho de 1906, a Sra. White expõe em amplos detalhes a obra para a qual fôra chamada. Destacamos as seguintes declarações: “Alguns têm duvidado do fato de que não asseguro ser profetisa; e perguntam-se a si mesmos, por que é isto assim? Não tenho declaração a fazer senão a que me instruiu de que sou a mensageira do Senhor; de que ele me chamou na juventude para ser Sua mensageira, receber sua palavra e dar uma clara e decidida mensagem no nome do Senhor Jesus . . . Por que não afirmei ser uma profetisa? Porque muitos dos que hoje declaram com ousadia serem profetas, são uma ofensa para a causa de Cristo; e porque minha obra inclui muito mais do que a palavra ‘profeta’ significa . . . Afirmar que sou uma profetisa é alguma coisa que nunca fiz. Se há os que assim me chamam, não os reprovoo. Entretanto minha obra abrange tanto campo de ação que não posso considerar-me de outra maneira a não ser portadora da mensagem do Senhor a Seu povo ou sublimar a obra em qualquer ramo que o Senhor designe”.

Enfrentando uma objeção, que escutamos com relativa frequência no sentido de que a Bíblia é suficiente e que nela está expressa toda a vontade de Deus para o homem e que portanto não necessitamos dos escritos da Sra. White, creio ser oportuno acrescentar a seguinte declaração de sua pena: “A Palavra de Deus é suficiente para iluminar o espírito mais obscurecido, e pode ser compreendida de todo o que sinceramente deseja entendê-la. Mas, não obstante isto, alguns que dizem fazer da Palavra de Deus o objeto de seus estudos, são encontrados vivendo em oposição direta a alguns de seus mais claros ensinamentos. Daí, para que tanto homens como mulheres fiquem sem escusa, Deus dá testemunhos claros e decisivos, a fim de reconduzi-los à Sua Palavra, que negligenciaram seguir”. — *Testemunhos Para a Igreja*, pág. 20.

Nós, os que vivemos nos dias finais da História, que vemos cumprir-se os sinais do breve regresso de Jesus, somos imensamente gratos à orientação segura que encontramos em abundância nos escritos de Ellen G. White. Agradecemos a luz e bênção que têm trazido a nossa vida. E almejamos de todo o coração enfrentar a vida e a morte com a coragem com que ela o fez.

Pouco antes de deixar este mundo declarou: “Não tenho nenhum pensamento desanimador nem tristeza. . . Não tenho nada do que me lamentar. Que o Senhor realize Sua vontade e obra em mim para que seja acrisolada purificada; isto é tudo o desejo. Sei que meu trabalho está cumprido; de nada vale dizer coisa alguma a mais”. — *Life Sketches*, pág. 444.

Estas palavras, juntamente com o exposto em seus escritos, revelam fielmente a vida e obra deste singular instrumento de Deus. Permita o Senhor que façamos devido uso de seus escritos e em sinceridade sigamos seus conselhos, especialmente nestes dias, os mais difíceis da história da humanidade. “Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas, e sereis prosperados”.

Uma Inspiradora Filosofia Educacional

J. N. SIQUEIRA

Departamental dos M. V. da União Sul-Brasileira



PARA preservar os interesses eternos de seus filhos juvenis e jovens, como candidatos às honras imortais do reino de Jesus, Deus nos tem revelado o que é certo com respeito à educação dêsses mesmos juvenis e jovens.

Em nossas escolas, não iremos oferecer apenas certos cursos de estudos. Isto, as outras escolas oferecem. Não basta prepararmos os alunos para os embates da vida presente. Nós vamos bem mais além. O aluno recebe nas salas de aula, a inspiração para ser útil nesta terra e no mundo vindouro. Seu desenvolvimento é tríplice: físico, intelectual e espiritual.

Deus, é o centro de toda educação verdadeira, pois n'Ele "estão escondidos todos os tesouros da sabedoria." Col. 2:3.

É de se lastimar, que a educação não tenha o aspecto espontâneo, natural e inocente do princípio, quando o jardim do Éden era a sala de aula, a natureza era o compêndio, Deus era o professor e os nossos primeiros pais, eram os alunos. Que ambiente encantador, o dessa primeira escola-modelo. Os anjos de Deus, faziam visitas periódicas aos alunos. Tudo era paz e harmonia.

O cuidar do jardim do Éden, fazia parte do currículo escolar. Era a ocupação útil dos alunos Adão e Eva. O trabalho, sempre será uma bênção para os estudantes, pelo benefício que lhes proporciona em saúde para o corpo e para a mente. Além disso, o caráter do aluno, é valorizado pelo trabalho.

"O livro da natureza, que estendia suas lições vivas diante deles, ministrava uma fonte inesgotável de instrução e deleite. Em cada fôlha da floresta, ou pedra da montanha, em cada estrê-la brilhante, na terra, no mar e no céu, estava escrito o nome de Deus. Tanto com a criação animada como com a inanimada, ou seja, com a fôlha, flor e árvore, ou com todos os viventes desde o leviatã das águas até ao animalculo em um raio de luz, entretinham os habitantes do Éden conversa, coligindo de cada um o segredo de seu viver. A glória de Deus nos céus, os incontáveis mundos nas suas sistemáticas resoluções, o "equilíbrio das grossas nuvens" (Jó 37:16), os mistérios da luz e do som, do dia e da noite—tudo era objeto para estudos, aos alunos da primeira escola terrestre".— *Educação*, pág. 21.

Eis aí o plano ideal de educação, que através dos séculos, deveria ser mantido, para o bem estar do homem. Deus era o centro da educação.

Hoje, nas escolas Adventistas, o esforço educacional, se processa na mesma direção. As escolas, se constituem um refúgio e proteção para

os alunos, contra as terríveis ondas de corrupção que destroem tantos valores humanos. Procura-se dar ao ambiente, o aspecto primaveril dos campos. Além do conhecimento dos livros, segue-se o trabalho manual nas oficinas ou nos campos. A parte agrícola deve ter a preponderância, pois o contacto com a natureza, eleva o ser para mais perto do supremo Criador dos céus e da Terra, e êsse é o supremo alvo da verdadeira educação.

A Bíblia é o compêndio por excelência nas escolas cristãs. Nela, o aluno encontra a mais elevada educação, pois aprende as lições do Mestre dos mestres e lhe segue o exemplo de abnegação e renúncia, dedicando a sua vida ao serviço de Deus. O aluno passa a ter um conhecimento muito íntimo de Jesus, e isto quer dizer "emancipação de idéias, hábitos e práticas, adquiridas na escola do príncipe das trevas, e que se opõem à lealdade para com Deus. Quer dizer subjugar a obstinação, o orgulho, o egoísmo, as ambições mundanas, a incredulidade. É a mensagem da libertação do pecado".— *Conselhos aos Professores*, pág. 12.

Com a Bíblia por base da educação, a vida se assegurará um sucesso ao jovem estudante. A mente como que se dilata na compreensão dos temas mais difíceis. Um idealismo sadio vicejará. Haverá uma revolta contra qualquer tipo de mediocridade. O jovem estudante sempre procurará avançar no rumo da perfeição. Haverá pureza de vida, como fruto da diária provisão da verdade eterna da Bíblia. O conhecimento da Bíblia promove como que um ampliar do horizonte da vida. O estudante sabe que é uma parte do grande todo formado pela humanidade e por essa humanidade, êle procurará dar o melhor dos seus talentos.

A sua luta, é uma luta pelo bem estar presente e eterno dos homens. Êle sabe que deve aprimorar seus conhecimentos para salvar os seus semelhantes e isto lhe assegura a sua própria salvação. A isto, nós damos o nome de educação mais elevada.

A insigne educadora Sra. Ellen G. White, foi de uma felicidade rara, quando escreveu que a mais elevada educação que os nossos jovens podem receber, "consiste em aprender como acrescentar à sua 'fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade, e à piedade amor fraternal, e ao amor fraternal a caridade'. 'Se em vós houver e abundarem estas coisas', declara a palavra de Deus, 'não vos deixarão nem estêreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo... Fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor Jesus Cristo.' II S. Pedro 1:5-11. Quando a palavra de Deus é posta de parte, sendo substituída por livros que desviam de Deus, e que confundem o entendimento no que respeita aos princípios do reino dos céus, à

educação dada, é uma perversão do que se entende por esse nome". — *Conselhos aos Professores*, págs. 14 e 15.

Deus foi o primeiro professor do homem, e assim deve ser ainda hoje. Como é maravilhoso e inspirador, entrarmos numa sala de aula e percebermos que o professor coloca perante os seus alunos, não a sua própria pessoa, mas sim a do maior professor que o mundo jamais conheceu: o Senhor Jesus, Aquêlê que é o primeiro e o último; e vive eternamente. Jesus é o alfa e o ômega, o princípio e o fim.

"Na presença de tal Ensinador, de tais oportunidades, para educação divina, é mais que loucura procurar educação fora d'Ele, quer dizer, procurar ser sábio desviado da Sabedoria, querer ser verdadeiro ao mesmo tempo que se rejeita a Verdade, procurar iluminação fora da Luz, e existência sem a Vida, enfim, deixar a Fonte das águas vivas e cavar cisternas rôtas que não não podem fornecer água". — *Educação*, pág. 83.

O sistema educacional Adventista possui uma superioridade sôbre outros quaisquer sistemas, pelo sentido prático que imprime à vida do estudante. Além dos estudos e do trabalho manual, oferece outras oportunidades de desenvolvimento aos estudantes pela existência de clubes que podem abranger certas matérias do currículo escolar, como literatura, astronomia, etc., e outros de caráter social para promoção de programas e concursos

culturais. Esses aspectos da vida estudantil adventista, proporciona aos jovens a chance de desenvolver a sua personalidade, conduzindo-os ao sucesso da vida. Um outro ponto vital, são os cursos da arte de vender livros, a bendita colportagem. Nas férias, os jovens saem para ganhar as suas bôlsas escolares. O contacto com o público, como que amplia a visão e dá ao jovem o senso de segurança de triunfo na luta para continuar os estudos.

Lembro-me dum incidente, de dois jovens estudantes vendendo livros a um grupo de advogados. A palestra dos estudantes foi notável, brilhante! A certa altura, entram mais alguns advogados no recinto, e para surpresa geral, os seus colegas lhes apresentam os dois estudantes como acadêmicos de direito, de São Paulo. Maravilhosa a apresentação e mais maravilhosa ainda, quando sabemos que os nossos jovens estudantes ainda estavam fazendo ginásio, no então Colégio Adventista Brasileiro, hoje Instituto Adventista de Ensino.

Rendemos neste singelo artigo o nosso tributo de gratidão a Deus, pelos eternos valores da inspiradora filosofia educacional das instituições de ensino da organização Adventista. Essas instituições preparam jovens para o gôzo aqui na Terra e faz de cada um dêles, felizes candidatos às honras imortais da eternidade, no reino de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O Encargo do Senhor

MARGARET ROSSITER WHITE

Bibliotecária de Registros Históricos na Biblioteca Vernier Radcliffe Memorial, de Loma Linda (EE.UU.)

*"É importante que todos nos tornemos cientes de que há uma grande obra a ser feita rapidamente."*¹



ESTE pensamento tem sido o âmago de centenas de mensagens apresentadas aos crentes na mensagem do advento através dos longos anos do serviço consagrado de Ellen G. White. Quanto mais se lêem estas mensagens, especialmente quando se

podem ler os originais de próprio punho, maior será o reconhecimento do fervor, do anseio e do encargo doloroso que impeliam a mensageira do Senhor a "clamar em alta voz" e "não cessar", e levantar-se a qualquer hora da noite para escrever. Quão repetidas vêzes se nos deparam, em seus artigos, expressões como as seguintes: ² "Levantei-me à uma hora da madrugada para escrever-lhe." "Noite após noite durante quatro semanas não me foi possível dormir depois da meia noite." "A carga que sôbre mim repousa tem sido tão pesada que, semanas a fio, não tenho podido dormir depois da uma ou das duas horas da madru-

gada." (Ver também *Testimonies*, Vol. 5, pág. 430.)

Houve no passado homens que sentiram suas cargas, e a frase "os encargos do Senhor" lhes parecia um estribilho através dos escritos dos profetas do Velho Testamento. Não era uma responsabilidade ordinária que fazia Ellen G. White acordar dessa forma, noite após noite. Não era insonia como a sofrem algumas pessoas, derivada de aborrecimentos domésticos ou de negócios, indigestão ou fadiga nervosa. Não era comparável à justa e conscienciosa preocupação que sentem consagrados obreiros pressionados pelo trabalho em seu território. Para Ellen G. White não era apenas o pêso da responsabilidade que pudesse cair sôbre um simples indivíduo. Era o quadro completo de um mundo em necessidade, ou de obreiros que precisavam de orientação, ou de almas a serem salvas, que lhe era pôsto diante dos olhos pelo Senhor. Quando ela estêve na Austrália, não apenas as necessidades locais da obra lhe eram continuamente apresentadas, mas os problemas de Battle Creek, da África, da Europa, de Washington e de mui-

tos campos não penetrados. Quando ela estêve em Elmshaven durante os últimos anos de sua vida, preocupava-se com os problemas da Austrália, de Loma Linda, Glendale, e do Sul.

A medida que a obra crescia, aumentavam os problemas. Que fardo tremendo e acabrunhador deve ter sido o enfrentar, a cada hora, as necessidades do campo mundial, ao mesmo tempo aperceber-se dos fatores que, por detrás das cenas, estavam detendo a obra! Com que zelo procurava ela partilhar êste discernimento com os dirigentes para que se operasse avançamento mais rápido.

Êste fardo, expresso em tôdas as cartas, em tôdas as páginas, constitui uma das maiores provas de inspiração. Era uma paixão todo-absorvente, impelente no sentido de transmitir a outros a beleza, a magnitude e o privilégio da tarefa que deveria ser aceita indisputavelmente por todos os seguidores de Cristo. E Ellen G. White achava-se plenamente qualificada para falar daquilo que lhe absorvia todo o pensamento. Tendo visto com os próprios olhos, ouvido com os próprios ouvidos, e sido testemunha ocular de Sua majestade, tendo provado o dom celestial e sido participante do Espírito Santo, como poderia ser desobediente à visão celestial, especialmente ao compreender que os favores que havia recebido não eram para seu deleite egoísta, mas deviam ser partilhados com quantos quisessem recebê-los?

Parte do fardo consistia no fato de que as mensagens nem sempre eram aceitas. Somos, por vezes, inclinados a pensar que somente no tempo presente pode haver dúvidas na mente de alguém, mas na verdade isto não é coisa nova. Sempre houve os que se opunham, criticavam e descreiam. Uma coisa era dar aos crentes vislumbres do reino dos bem-aventurados, e outra o receberem energias palavras de reprovação e conselho contra a execução do que parecia ser os mais sólidos planos. Não era fácil para alguém naturalmente dotado de disposição meiga levantar-se contra homens fortes em sabedoria, experiência e influência—dirigentes da obra—e encontrar descrença e oposição. Frequentemente sentia-se desencorajada para apresentar mensagens de reprovação. Certa vez, foi animada pelo seguinte sonho:

Alguém me trouxe uma peça de estôfo branco e me incumbiu de cortar dêle vestidos para pessoas de todos os tamanhos, de tôdas as condições e de todos os feitios... Senti-me desanimar ante o acúmulo de trabalho que vi diante de mim; verifiquei que estivera empenhada em talhar vestidos durante mais de vinte anos e que o meu trabalho não fôra apreciado; também não podia ver que houvesse sido de grande benefício....

A pessoa a quem falava respondeu-me: "Corta o vestido. É êste o teu dever. O prejuízo não é teu, senão meu. Deus não deseja ver feito, e não sabes qual dêles prosperará, se êste ou aquêle...."³

Foi unicamente a convicção inabalável de que sua vida se achava escondida com Cristo em Deus e que lhe fôra dada força para cumprir os propósitos divinos em sua vida que lhe avigorava a alma e a sustinha nos dias em que o fardo lhe parecia mais pesado do que poderia suportar.

Tenho fielmente escrito as advertências que Deus me tem dado. Elas têm sido impressas em livros, contudo não posso desistir de o fazer. Tenho de escrever estas coisas sem cessar. Não peço para estar aliviada. Enquanto Deus me poupar a vida, tenho que prosseguir produzindo estas mensagens importantes.⁴

Quando em minha juventude aceitei a obra que me foi confiada por Deus, recebi com ela a promessa de que havia de ter a assistência especial do grande Aju-

dador. Ao mesmo tempo que me era confiada a incumbência solene de transmitir com fidelidade as mensagens do Senhor, sem diferenciar entre amigos e inimigos... Não espero que todos hão de aceitar as correções, e emendar sua vida; mas nem por por isto devo deixar de desempenhar-me de meu dever.⁵

Verdade Inalterável

Pouquíssimas pessoas há das quais se pode dizer com tanta exatidão que sua "vida se acha escondida com Cristo em Deus." Em sua completa submissão à vontade de Deus, Ellen G. White se subtraía, permitindo que Cristo fôsse exaltado supremamente. Esta abnegação marcante constitui característico no seu estilo de escrever. Não se nota esforço de escrever com brilhantismo, ou para chamar atenção sôbre si mesma pela originalidade da fraseologia. Não há dichotes, piadas, ou sofismas. O pensamento provém de um coração franco, de uma mente clara—direto, simples, natural, sem valer-se de truques superficiais de escrever. O resultado é um fluir de linguagem coerentemente belo. Ela fala com confiança e autoridade; não há apologia, interpretação, hesitação. Se, por acaso, aparecesse uma pitada de sarcasmo, ou um laivo de frivolidade, prejudicaria, sem dúvida, a beleza e uniformidade da mensagem. Há, no entanto, uma beleza e uniformidade que se constituem nos meios mais eficazes de levar confiança ao leitor. Em nenhuns outros escritos, fora das Escrituras, se pode encontrar verdade "aprendida tão logo se prove" para usar sua própria expressão.

Que grande sabedoria se vê na escolha divina de uma mensageira! Escolhendo Ellen G. White para ser veículo de Sua mensagem, o Senhor possibilitou a plena focalização da luz que brilha no rosto de Cristo, Seu amor e misericórdia. Quase invariavelmente esta luz é vista em tôdas as cartas pessoais que escreveu, em tôdas as palestras feitas, em todos os capítulos de seus livros. Frequentemente a Sra. White começava uma carta na maneira costumeira, referindo-se brevemente ao problema que a pessoa lhe apresentava, acrescentava umas poucas palavras de conselho ou estímulo e a seguir, tão naturalmente como as flôres se voltam para a luz solar, preenchia a maior porção da carta com comentários sôbre o amor de Cristo, Sua vida de humildade, sofrimento e abnegação, e o poder transformador de Sua presença pessoal. Ao invés de procurar polemizar com a pessoa que lhe escrevera pedindo auxílio, ou analisar-lhe o problema, ela exaltava a Cristo em tôda Sua beleza, dizendo: "Olhai para Cristo. Se O amardes e vos submeterdes inteiramente a Êle, Êle resolverá vossos problemas e vos guiará nesta decisão. Não necessitareis de vir a mim para pedir conselho, mas podeis buscar sabedoria diretamente a Deus".

Ressentimentos pessoais, contendas entre irmãos, e obstáculos aparentemente intransponíveis se dissolveriam se os irmãos pudessem partilhar dêste espírito de amor e obediência incondicionais!

Em outras ocasiões, a mensagem ou conselho particular que a Sra. White dava assumia a forma de citações diretas das Escrituras—página sôbre página de verdade, diretamente da Bíblia. No estudo destas seleções transparece inspiração especial. Nôvo significado e novas aplicações às situações emergem ao aparecerem as palavras conhecidas em

cada contexto especial. Parece que toda a Palavra de Deus se achava fabulosamente disponível para que ela a empregasse. Certamente seu espírito era dirigido àquelas referências apropriadas.

As glórias do mundo eterno eram realidades para Ellen G. White; a companhia de Cristo lhe era permanente presença; os santos anjos estavam a seu lado em todos os momentos.

Uma Grande Obra a Ser Feita

Tenho toda a fé em Deus... Ele opera à minha direita e à minha esquerda. Enquanto escrevo assuntos importantes, Ele está a meu lado, ajudando-me. Ele dispõe o trabalho à minha frente, e quando fico embaraçada em busca de uma palavra apropriada com que expressar meu pensamento, Ele a traz de modo claro e distinto à minha mente. Percebo que todas as vezes que peço, e mesmo enquanto estou a falar, Ele responde: "Eis-Me aqui."⁶

O tremendo senso de minha responsabilidade de tal forma se apodera de mim que me sinto sobrecarregada como um carro lotado de molhos. Não desejo sentir menos intensamente minha obrigação para com o Poder Mais Elevado. Aquela Presença sempre está comigo, emprestando suprema autoridade e controlando o serviço que presto ou deixo de prestar.⁷

Toda sua vida foi devotada em partilhar esta segurança e conforto com os outros. Sabia que outros podiam ter esta experiência se estivessem dispostos a se submeterem a uma correta relação com Deus.

Não importa que lhe tenha sido penoso compreender a indiferença do povo que professava receber a Cristo, e a preocupação deles por coisas transitórias como o vestuário, o mobilamento de

seus lares, recreações e vaidades da vida. "Há uma grande obra a ser feita," ela os advertia incessantemente.

Quando vejo meus irmãos passeando e trabalhando como homens em sonho, sinto com que precisar fazer alguma coisa para avivá-los. Possa o Senhor ajudar-me a cumprir todo o meu dever; pois não há demora. Estamos pertos do último grande conflito.⁸

Estou recosa de nosso povo — recosa de que o amor pelo mundo lhes está subtraindo a piedade.⁹

Oh, que eu possa impressionar a igreja com o fato de que Cristo reclama o serviço dela! Meus irmãos e irmãs, tendes-vos tornado servos de Cristo? Então se devotardes o máximo de vosso tempo para servir-vos a vós mesmos, que resposta dareis ao Mestre quando Ele exigir contas de vossa mordomia?¹⁰

E hoje que estamos cinquenta anos mais perto do último grande conflito, quanto mais cientes devemos estar das responsabilidades da tarefa que há diante de nós! Examinemo-nos a nós mesmos à luz do Espírito Santo para vermos que parte o eu desempenha em nossa vida, e reconheçamos as possibilidades do serviço ilimitado se nos colocarmos na correta relação com Deus. Não sejamos como homens passeando em sonho, mas avivemo-nos para a urgência dos tempos em que vivemos.

1. Ellen G. White, manuscrito 1, 1910.
2. Ellen G. White, carta 146, 1902; carta 78, 1903; carta 239, 1903.
3. *Testimonies*, Vol. 5, págs. 657 e 658.
4. Manuscrito 21, 1910.
5. *Testimonies*, Vol. 5, pág. 677.
6. Carta 127, 1902.
7. *Life Sketches*, pág. 432.
8. Carta 201, 1902.
9. Carta 201, 1902.
10. *Testimonies*, Vol. 4, pág. 619.

OBRA PASTORAL



Apologia do Missionário

ANDRÉ ACHATA CABRERA

Inspetor de Escolas Primárias da União Incaica



SEM DÚVIDA temos muitas vezes pregado sobre a vida despreendida e abnegada de Abraão que, obedecendo ao mandado divino, deixou seu lar, sua parentela, seus amigos e seus interesses pessoais, transferindo-se para terras distantes e desconhecidas.

Que teria pensado Abraão ao receber a ordem de deixar sua casa, seu trabalho estabelecido, sua parentela, seus muitos amigos e tudo que significava estar estabilizado, conhecido e apreciado?

Um homem do caráter de Abraão deve ter sido muito estimado e bastante conhecido. Suas relações posteriores o descrevem como homem social e amigável. Observando-o, seus vizinhos verificavam que era diferente dos demais homens: Deus estava com ele.

Porém, a que vem esta longa introdução que parece distanciar-se de nosso assunto? Pois bem, Abraão foi um missionário. Deus o chamou para ser luz para os gentios e bênção para as nações. E este homem admirável foi obediente, despreendido e abnegado. Nós admiramos a Abraão pela sua notável obediência às ordens divinas, seu despreendimento das coisas que o teriam prendido à terra natal, e sua abnegação ao serviço de Deus.

Não é necessário, porém, recuarmos tanto no tempo e no espaço para encontrarmos exemplos de abnegação e sacrifício. Existiram e existem ainda pessoas cheias de amor a Deus e ao próximo, que decidiram deixar sua terra natal, suas amizades, seus interesses locais e muitas comodidades, para irem viver em terras estranhas, com pessoas estranhas de costumes estranhos, privando-se das facilidades e benefícios da época. Isto sim é digno de admiração, pois não creio que Abraão tivesse que deixar tantas comodidades e tanto bem-estar.

Escrevemos estas páginas para render nossa mais cálida homenagem, admiração, respeito e apreço a estes Abraões modernos que pela vez primeira chegaram aos campos missionários da América do Sul.

Há muitos anos chegou às serranias de Bolívia e Peru um dos grandes pioneiros desta luminosa pleiade de louros e valentes missionários norte-americanos que viveram em nossos países, impulsionados pelo amor ao próximo e ao Senhor Jesus. Admiramos a obra do apóstolo e missionário pastor Fernando A. Stahl e de muitos outros que lhe seguiram as pegadas. Embora não tivemos a sorte e o prazer de conhecê-los pessoalmente, pudemos apreciar e ver os frutos de sua obra, especialmente entre os necessitados e humildes. Tivemos a oportunidade de percorrer quase todos os lugares ínvios que foram cenário da vida e obra destes missionários. Daí nossa admiração por sua obra e caráter de verdadeiros enviados e desbravadores da obra adventista no Altiplano peruano-boliviano, como também na selva amazônico-peruana.

Transcorreram mais de 50 anos desde que se iniciou a obra nesses lugares. Neste meio século construíram-se estradas e pistas de aterragem, e entenderam-se fios telefônicos e telégrafos. Introduziram-se meios modernos de locomoção e comunicação. Realmente este meio século caracterizou-se por admirável progresso.

Além disso foram rompidas tôdas as barreiras e descerradas as cortinas do preconceito e oposição. Hoje podemos percorrer êsses intermináveis caminhos de outrora em breves minutos ou poucas horas, sem encontrar a oposição ou os contratempos próprios daqueles tempos.

Certa vez, enquanto percorríamos uma das estradas pedregosas e poentas com um veículo moderno, pusemo-nos a pensar nas dificuldades, privações e sacrifícios que tiveram de suportar os primeiros missionários que, procurando abrir caminho para as gerações futuras, percorriam a cavalo êstes caminhos quentes e poentos durante dias intermináveis. Muitas vezes, ao passar por estas ínvias paragens, profundas e elevadas, utilizando-nos melhores meios de transporte, dissemos: "Por aqui, décadas atrás, passou o pastor Fulano de Tal a cavalo, gastando uma semana ou talvez quinze dias na viagem. E nós o estamos fazendo em poucas horas, sentados cômodamente, sem cansaço e sem privações". Quanto o mundo progrediu! Quanto avançou a ciência, e quão fácil é agora o trabalho dos missionários.

Em certo sentido devemos dar graças a Deus por êste progresso e estas facilidades de trabalho, contudo devemos também rogar ao Senhor que continue pondo no coração de Seus missionários

o verdadeiro espírito de abnegação, sacrifício e amor ao próximo, já que êste, e não outro, deve ser o móvel que os impulsiona a ir para os campos missionários.

Poucos são os que entendem o que isto significa. Hoje em dia quase desapareceu esta fibra e esta tẽpera do missionário. São poucos os que estão dispostos a andar. Bah! Estamos hoje em pleno século vinte, e se não há caminho para o automóvel, não se poderá visitar êste ou aquêle grupo. Pouquíssimos estão dispostos a dormir algumas noites no chão ou em duros estrados de madeira. Hoje se viaja com fofos travesseiros e cômodos colchões pneumáticos, e sem estas comodidades não se está disposto a passar uma noite numa cabana na zona rural de algum modesto irmão que oferece uma rêde ou um estrado, e um chá de ervas com gôsto de água de batata.

Os primeiros missionários, pelo fato de não poderem voltar imediatamente a seus queridos lares, faziam planos de pernoitarem nos modestos casebres dos irmãos, e êstes sentiam-se felizes em poderem hospedar o pastor e terem o prazer de conviverem, pelo menos por um dia, com o querido irmão, o missionário estrangeiro.

Hoje se chega de carro, erguendo poeira, e após um apressado apêto de mãos, umas palmadinhas no ombro e um sermão fraco, volta-se celeremente como um remoinho, deixando pó atrás de si, a menos que se acabe a gasolina ou estoure um pneu, dormindo-se então no veículo. Prefere passar frio dentro do carro a dormir no humilde lar campesino.

E depois perguntamos: "Por que há tanta apatia? Por que não há mais dizimos?" Há razões para isto. Vivemos cada vez mais distante do rebanho. As ovelhas sentem-se solitárias e abandonadas, sem pastor, e se vão em busca de outros pastos e outros pastôres . . .

Para os territórios que ainda se denominam "campos missionários", necessitam-se homens da tẽpera dos primeiros missionários, sejam norte-americanos, argentinos, uruguaios, chilenos ou brasileiros. Tem havido muitos dêles que ofereceram ao Senhor e à Sua casa o melhor de sua mocidade e viveram junto do rebanho, pastoreando-o e alimentando-o com o rico alimento da Palavra de Deus. Como ainda os irmãos idosos lembram a seus filhos o feito dos missionários que abriram picada nos campos virgens! Há poucos missionários da envergadura de um Stahl, Pedro Kalbermatter, Thompson, Minner, Howell, Halliwell, Brisee, etc. Porisso, a obra de alguns campos missionários — assim chamados só porque tem sustento próprio — se vai desmoronando, precisamente devido a que a nova geração de missionários estrangeiros ou locais que saem de nossas instituições educativas, não se acham investidos dêste espírito de sacrifício, abnegação e trabalho, sem dúvida com muitas honrosas exceções.

Há ainda muito que fazer em cada campo, mas também se requer o genuíno espírito missionário. Há muita necessidade de missionários, sejam norte-americanos, argentinos, brasileiros, ou qualquer outra nacionalidade que tenham a tẽpera, a fibra do missionário das gerações passadas.

Nos tempos da Idade Média, os que saíam em busca de aventuras da cavalaria eram armados cavaleiros. Da mesma maneira, os cavaleiros do Evangelho precisavam armar-se com o espírito de abnegação, sacrifício e amor ao próximo. Devem estar possuídos do amor de Cristo, sim, do amor d'Aquele que, tendo amado os Seus, "amou-os até o fim". Só assim seguirá as pegadas do Mestre e daqueles desbravadores a quem rendemos nosso ardente tributo de admiração e respeito. Com esse amor e com esse espírito se podem reeditar proezas de abnegação e sacrifício para honra e glória do Senhor e Seu Evangelho.

Não queremos deixar de mencionar a obra admirável realizada por alguns casais de missionários em certas paragens da selva peruana. Requer-se muita boa vontade e abnegação para isolar-se voluntariamente e viver entre pessoas atzadas e ensinar-lhes os rudimentos da civilização, afastá-las da ignorância, e, muitas vezes, da selvageria. Este sa-

crifício é digno de admiração. Só os que viveram em tais lugares sabem o que isto significa: longe da civilização, desprovidos de meios rápidos de comunicação e, muitas vezes, até dos elementos indispensáveis para viver. Estes missionários estão escrevendo novas páginas gloriosas no evangelismo e trabalho missionário.

Nosso respeito, admiração e simpatia são também para eles. Devem sentir-se muito perto do Senhor, que lhes disse: "Na verdade vos digo que quanto o fizestes a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes", e num dia que não está distante ressoarão em seus ouvidos as palavras: "Vinde, benditos de Meu Pai..."

Tínhamos pensado em escrever uma apologia do missionário adventista e redundou a tarefa num artigo que dedicamos fraternalmente a todos os missionários adventistas do passado e do presente, como também aos que se estão preparando para preencher as vagas deixadas pelos desbravadores da vinha do Senhor.

EVANGELISMO - Almas para Deus



Pequeno Curso Sôbre o Grande Plano de Deus

ARTUR G. UTZ

Presidente da Missão Patagônica

Temas apresentados na igreja de Santa Fé, Argentina, durante o ano de 1960, em forma de curso, pelo autor, com excelentes resultados.

TODOS sabemos que há diversas maneiras de se apresentar a verdade, e afirmamos que sua apresentação deve ser lógica. (Infelizmente às vezes ela é lógica somente para nós enquanto que para o público não tem sentido.) Penso que há uma forma natural, completa e lógica, e é a maneira pela qual as Sagradas Escrituras apresentam o grande plano de Deus através de suas páginas.

Por sistema natural, completo e lógico quero significar que segue a ordem em que os fatos se sucederam. Pelo menos no que refere ao plano de salvação, o "completo" significa que cada estudo apresente um vislumbre de todo o plano da salvação, sendo cada estudo uma unidade menor dentro de toda a série — a unidade maior ou o todo — que se desenvolve em forma natural e lógica à medida que a pessoa a possa compreender. Em cada lição, portanto, devem aparecer três personagens principais: Cristo, o homem, e Satanás. Embora não apresentem em forma direta, podem manifestar-se numa atitude, posição ou decisão.

Por exemplo: o primeiro estudo ou revelação que Deus deu a Adão depois da queda, "E porei inimizade" (atitude que o homem devia adotar) "entre ti" (Satanás) "e a mulher, e entre tua semente e sua semente" (Cristo)...

É interessante observar quão fácil e dedicadamente se pode entretecer a cadeia da verdade, como a lei, o sábado, a mortalidade e o estado dos mortos, como também todas as demais verdades proféticas, que adquirem nova vida, surgem em forma mais natural e mais visível para as pessoas que contemplam e distinguem mais facilmente pela relação com o conjunto.

Este curso foi apresentado aos domingos à tarde, da seguinte maneira: 15 minutos, vistas das terras bíblicas com explicações ilustradas; 35 minutos, exposição do tema; 20 minutos, estudo bíblico sobre o tema apresentado. Isto daria melhores resultados se fosse apresentado duas ou três vezes por semana.

Os Temas Apresentados, Com Uma Breve Explicação

1. A MAIS URGENTE NECESSIDADE DO HOMEM MODERNO. — Os diversos meios previstos pelo homem não podem solucionar-lhe os problemas. Uma civilização sem Deus está condenada a perecer. Devemos voltar-nos para Deus, Seus planos e propósitos. Rom. 1:18-23; Apoc. 14:6 e 7; Jer. 6:15; Jó 11:13.

2. DESENVOLVIMENTO PANORÂMICO DO GRANDE PLANO DE DEUS. — O propósito original de Deus para a Terra e para o homem. O homem fracassou e Deus teve que fazer um plano de emergência para resgatar o perdido. Um rápido panorama do plano de salvação. (Apresentação do diagrama.)

3. EM QUE CONSISTE O PLANO DE DEUS. — Entrada do pecado na Terra por meio de Adão e a promessa de salvação (Gên. 3:15).

4. DE QUE MANEIRA FOI REVELADO ESTE PLANO AO HOMEM? — Começa com Gên. 3:15. A apresentação da Bíblia nos termos de Núm. 12:6.

5. REVELAÇÕES DO PLANO DE DEUS NO VELHO TESTAMENTO. — O santuário, o pedido feito a Abraão para sacrificar seu filho, o cordeiro...

6. A INDISCUTÍVEL REVELAÇÃO DO PLANO DE DEUS. — Concluídas as promessas e chegada o tempo veio Cristo. (Heb. 1:1-3). Sete pilares que sustentam isto: encarnação, vida sem pecado, crucifixação, ressurreição, ascensão, intercessão e segunda vinda. Cristo é irrefutável.

7. CRISTO REVELANDO O GRANDE PLANO DE DEUS. — Sabia Cristo que estava cumprindo um plano? Falou de salvação? S. João 17:1-10; S. Luc. 15.

8. O ESPÍRITO SANTO REVELANDO O GRANDE PLANO DE DEUS. — O Espírito Santo é o porta-voz deste plano. II S. Ped. 1:21; S. Mat. 1:21; II Cor. 2:10; Atos 2:1-4, 37, 38, 41 e 47.

9. CUMPRE SUA INCUMBÊNCIA O GRANDE PLANO DE DEUS? — Resumo que foi apresentado até aqui. Heb. 11; Jó 1:1, 6-12; Fil. 2:4-6; Heb. 12:1.

10. QUE DEVO FAZER PARA SER SALVO? — Aqui entramos no que o homem deve fazer para obter a salvação e sua relação com os outros dois personagens: Cristo e Satanás. Nesta parte focalizamos especialmente o homem, e neste primeiro tema da segunda série tratamos especialmente do arrependimento (Atos 16:26-34). Devemos realçar o subtítulo "os elementos divino e humano do arrependimento." (Rom. 2:4; Atos 11:18). Devemos aceitar o chamamento divino ao arrependimento, nada mais.

11. OS PASSOS PARA A SALVAÇÃO. — Fé, conversão, confissão e perdão. De novo aparece o subtítulo "A fé, elemento divino-humano". (I Cor. 12:9; Gál. 5:23). Devemos aceitá-la. O maravilhoso do plano de Deus é que tudo está previsto.

12. SALVOS PARA OBEDECER. — Este é um tema de suma importância, já que apresenta a lei em



seu verdadeiro papel na salvação. Desenvolvamos, pois, para melhor compreensão, a história da obediência no evolver do plano de Deus, desde o princípio.

— Adão foi feito obediente a Deus; tinha a lei de Deus no coração.

— Desde Caim e Abel, a humanidade (no novo plano) se divide nos que são obedientes e os que não são. Os obedientes sempre são em número menor.

— Os homens foram paulatinamente perdendo a consciência de seu dever para com Deus e com o próximo. Seu próprio povo, depois de 300 anos de escravidão perdeu não somente o conceito de seus deveres para com Deus, mas também o da santidade de Deus.

— Então Deus teve que lhes dar novo conceito de Seu caráter e santidade, e o fez por escrito no Sinai, gravando com Seu próprio dedo, para que os que, por Sua graça, são salvos possam sempre ter presentes seus deveres.

13. O GLORIOSO RESULTADO DO PLANO DE SALVAÇÃO, E O ESFORÇO HUMANO. — Aqui apresentamos em forma resumida a justificação e a santificação pela fé. A justificação provém totalmente de Deus e devemos aceitá-la. A santificação, também graça de Deus, vai de parceria com o esforço humano. Este tema resume a parte de Deus e a nossa, na salvação.

14. O GRANDE CONFLITO DOS SÉCULOS. — Aqui começamos a focalizar a obra opositora ao plano de Deus. História da origem do conflito. Gên. 3; Apoc. 12:7-9; 12:10; S. Mat. 4:1-10; Dan. 7:23-25; Apoc. 16:12-14.

15. A VERDADE LANÇADA POR TERRA. — Satanás dirigiu seus ataques às duas colunas do plano de salvação: a lei e o Evangelho de Cristo. A obediência à lei é a meta à qual Deus espera que Seus filhos alcancem. Cristo é o meio previsto para alcançar esse objetivo. Dentro da lei também são dois os mandamentos contra os quais Satanás dirigiu seus ataques em todos os tempos. Notemos na história de Israel: a idolatria e a falta de observância do sábado são os preceitos pelos quais Deus repreende continuamente a Seu povo. Sata-

nás transformou em mero formalismo os sacrifícios simbólicos de Cristo no Velho Testamento (I Sam. 15:22; Gên. 4:3-8).

16. FIM DO CONFLITO ENTRE O BEM E O MAL. Apoc. 12:10-12 e 17; 14:12. Apresentamos um delineamento profético dos acontecimentos finais e do triunfo do povo de Deus.

17. O ACONTECIMENTO MAIS GLORIOSO DO PLANO DE DEUS. — Segunda vinda.

18. RESULTADOS FINAIS DA OBEDIÊNCIA E DA DESOEDIÊNCIA. — Recompensa dos salvos e punição dos desobedientes. O milênio.

19. A TERRA RESTAURADA E O LAR DOS REMI-

dos. — Todos êstes temas apresentados incluem o plano de Deus. Oferecem um quadro natural e lógico, como um todo, que começou e já estamos assistindo sua finalização.

20. COMO SE PODE ENTENDER TUDO ISTO? — “Não é por meio de controvérsias e discussões que se ilumina a alma. Devemos contemplar e viver”

Este capítulo é baseado na experiência de Nicodemos (S. João 3, especialmente o versículo 14).

Caros colegas de ministério de Jesus Cristo, queira Deus iluminar-nos e abençoar-nos na apresentação do maravilhoso plano de salvação, tão amplo e profundo que alcança até o mais vil pecador.

EVANGELISMO DA SAÚDE



“A Minha Comida”

E. E. CLEVELAND

Secretário da Associação Ministerial da Conferência Geral



O PROBLEMA da saúde é do maior interesse para todos os ministros cristãos; e o adventismo tem sido o principal expoente do conceito de que as faculdades física, mental e espiritual do homem acham-se inseparavelmente interrelacionadas.

O ar fresco, a luz solar, o repouso, o exercício, a cultura mental, o progresso espiritual e o regime alimentar — tudo tem parte na saúde do pastor e, conseqüentemente, se reflete em seu poder para o bem. O negligenciar qualquer destes fatores vitais é privar-se da robustez física tão necessária ao prosseguimento de um eficaz ministério espiritual.

Neste artigo não se podem considerar todos os aspectos da questão da saúde, nem se podem esgotar estas considerações sobre apenas um dos aspectos. Êste artigo trata dos efeitos do comer carne sobre a saúde física, mental e espiritual do ministro. Comer ou não comer — eis a questão.

Demais

Neste ponto, como em tôdas as demais questões congêneres, alguns defensores pretendem demais. Os excessos de suas exigências valeram-lhes o serem chamados de fanáticos. A verdade é que nem todos os que exigem “demais” são fanáticos. Alguns se acham conscientemente equivocados. Ou-

tros possuem zelo sem entendimento. Os superzeiros têm contribuído bastante para obstacular a aceitação deste conselho à igreja.

A Bíblia revela o vegetarianismo como o regime alimentar original do homem. Além disso, o conselho de saúde à igreja, no tocante ao regime alimentar, baseia-se no fato de que um regime equilibrado é o mais saudável e, portanto, melhor para o homem. No entanto, aqueles que pretendem que o comer carnes limpas seja pecado, pretendem demais. O apóstolo Paulo, advertiu contra isto em I Timóteo 4:1 e 3. Além disso, a Bíblia acha-se repleta de biografias de homens os mais tementes a Deus a quem se permitiu o uso da carne como parte de seu regime. E na verdade, o próprio Mestre serviu peixe a milhares de Seus ouvintes, e Êle próprio foi servido de peixe por aqueles que O conheciam muito bem. Não há nenhuma sugestão na Bíblia de que o comer carne limpa tenha sido, é ou será pecado.

Lembre-se o leitor que, nos conselhos dados à igreja em relação a êste assunto, há a alusão de que o regime cárneo seria uma necessidade contínua para alguns. Estas exceções são (1) certas pessoas enfêrmas, (2) os que vivem em regiões onde um regime vegetariano equilibrado não é viável, e (3) aqueles que não se educaram no preparo de refeições vegetarianas. A todos os demais se insiste a que dêem a êste assunto sua atenção piedosa. Todos concordamos que o vegetarianismo não pode assumir a força de um man-

damento. Ele deve ser ensinado, insistido e promovido, mas jamais deve ser uma prova de espiritualidade. O certo e o errado são permanentes. Não alteram de época para época. Se o comer carne limpa é pecado agora, sempre o foi e sempre o será. O fato é que isto não é pecado agora, nem foi nem será.

Muito Pouco

Do que se expôs torna-se claro que é lícito comer das carnes permitidas pela Bíblia. Contudo, I Coríntios 6:12 indica que nem tôdas as coisas lícitas são convenientes ou benéficas. De fato, há abundante evidência de que, à medida que o fim se aproxima, muitas coisas que, em si mesmas, não são pecaminosas, tornar-se-nos-ão inconvenientes devido ao pecado. Isto é exato na prática do comer carne. O consumo cárneo, desde seu início, serviu para encurtar a vida humana. Nos últimos anos, porém, as moléstias dos animais tornam arriscado o alimento cárneo.

Não há senão poucos animais que estão livres de moléstias. . . Muitos pobres animais são deixados a respirar o veneno da sujeira deixada nas cocheiras e estábulos. . . A moléstia se transmite ao fígado, e todo o organismo do animal se enferma. São abatidos e preparados para o mercado, e o povo come abertamente dêste alimento animal envenenado. Muita moléstia tem origem desta maneira. O povo, porém, não admite que foi a carne que ingeriu, que lhe envenenou o sangue, causando seu sofrimento. Muitos morrem de moléstias causadas unicamente pelo comer carne, e todavia o mundo nem por isso parece ser mais sábio. — *Selected Messages* Vol. 2, pág. 418.

Os que são inclinados a confiar nos modernos processos sanitários e nas maneiras melhores do tratamento da carne necessitam apenas consultar o Boletim do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos no que tange às moléstias dos animais, ou lerem algumas orientações apresentadas por certas revistas sobre o assunto para se inteirarem de que esta condição entre os animais se tem agravado cada vez mais. Contudo os perigos do comer carne não são exclusivamente de ordem física.

Por meio do uso da carne é fortalecida a natureza animal, ao passo que a espiritual se enfraquece. — *Evangelismo*, pág. 663.

Nesta época de apostasia moral, o homem de Deus mal pode esforçar-se por diminuir as probabilidades contra sua sobrevivência. Embora o vegetarianismo não garanta castidade nem o comer carne a destrua, êste último produz indevida excitação. . . E isto, pois, é um embaraço. “Deixemos todo o embaraço” (Heb. 12:1). Neste assunto o ministério adventista tem acesso a grande luz. Tem o privilégio de ser exemplo educativo do viver sadio. É verdade que o reino do Céu não é comida nem bebida. Mas quem pode negar que a comida e a bebida têm sido pedras de tropeço para o ingresso no reino em

muitos casos? Os detentores de grande luz são veementemente exortados a praticarem o viver sadio.

Se, em face da luz que Deus tem dado acerca do efeito do comer carne sobre o organismo, continuais ainda a comer carne, deveis sofrer as conseqüências. — *Idem*, pág. 664.

A saúde física não é a única parte da vida humana afetada pela alimentação cárnea.

Havia Deus de dar, durante trinta anos, a Seu povo a mensagem de que, se quisessem possuir sangue puro e espírito claro, deveriam abandonar o uso da carne, caso Ele não pretendesse que Lhe dessem ouvidos à mensagem? — *Idem*, pág. 663.

Esta declaração não pode significar que os vegetarianos têm espírito claro e os comedores de carne não o tenham. O leitor provavelmente conhece alguns abstêmios da carne que vivem em perpétua neblina mental, e comedores da carne que são notados pelo seu espírito agudo e analítico. É, antes, um desafio à pessoa para alcançar sua plena potencialidade, lançando fora todos os obstáculos.

Há, finalmente, a questão da influência ministerial. Acaso não se aplica aqui esta impressionante declaração do apóstolo? “Pelo que, se o manjar escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que meu irmão se não escandalize” (I Cor. 8:13).

Irmãos, os membros leigos estão lendo os livros publicados pela igreja. Os escritos de Ellen G. White são por eles aceitos como sendo de origem divina. Pouco se contribui para fortalecer a confiança dos membros leigos nestes ensinamentos, quando eles vêem o conselho do Céu considerado levianamente.

Cuidai com a atitude que tomais; não sejais encontrado a causar divisão. . . Não prejudiqueis a outros com o opôr-vos à luz dada por Deus sobre êste assunto. . . Não tomeis, porém, diante do povo uma atitude que lhes dê lugar de pensar que não é necessário exigir uma reforma quanto a comer carne, pois o Senhor a requer. . . Contrariando os esforços de vossos coobreiros os quais ensinam a reforma pró-saúde, estais deslocado, trabalhando do lado errado. — *Idem*, págs. 664 e 665.

Tarde Demais

Os grupos fanáticos que há dentro da igreja estão causando destruição com êste aspecto do programa do Senhor. Não é tempo para que o ministério tome a iniciativa, organize classes, e ensine tôda a reforma de saúde ao povo de Deus? Se não agora, quando?

Ela [a reforma pró-saúde] irá avante, pois é o meio empregado pelo Senhor para diminuir os sofrimentos em nosso mundo e purificar a Seu povo. — *Idem*, pág. 664.

O ministério adventista é deverdo ao mundo. Milhões estão sendo dispendidos em experiências para aprender o que Deus, por meio de Sua mensagem, há muito tempo tem revelado à Sua igreja. “Minha comida”, disse Jesus, “é fazer a Sua obra” (S. João 4:34).

EVITAI ENREDAR-VOS COM NEGÓCIOS. — Os que se entregam à obra do ministério não se devem enredar com ramos de negócios que venham trazer aspereza a sua vida. — *Ellen G. White*, Carta 53, 1905.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Os Dez Mandamentos - Norma Divina de Conduta

(Original inglês de págs. 121-134)

Pergunta 12

Muitos cristãos têm a impressão de que os adventistas do sétimo dia são legalistas por ensinarem que é necessário guardar a lei a fim de sermos salvos. Qual é a exata posição adventista para com a lei? E como vossa crença se compara à posição histórica protestante?

A posição adventista do sétimo dia em relação aos Dez Mandamentos é apresentada sucintamente em nossa declaração de Crenças Fundamentais, parte 6, que assim reza:

6. Que a vontade de Deus relativamente à conduta moral se acha compreendida em Sua lei dos Dez Mandamentos; que estes são grandes preceitos morais, imutáveis, obrigatórios a todos os homens, em tôdas as épocas. Exo. 20:1-17.

Os Dez Mandamentos proferidos por Deus no Monte Sinai são distintos de todos os demais preceitos divinos registrados na Bíblia, pela sua própria natureza e pela forma como foram entregues. Em si mesmos contêm a prova de seu caráter permanente. A natureza moral do homem a eles corresponde com aprovação, e é impossível a um cristão esclarecido supor que não estejam em vigor, enquanto Deus fôr Deus e o homem, criatura moral.

Vista corretamente, a lei moral é muito mais do que um código legal; é um transcrito do caráter de Deus. Diz A. H. STRONG, teólogo baptista:

A lei de Deus é, por conseguinte, simplesmente uma expressão da natureza divina em forma de reivindicações morais (Sal. 19:7; cf 1). Todos os homens testemunham a existência desta lei. Mesmo a consciência dos pagãos a testifica (Rom. 2:14 e 15). Os que têm a lei escrita reconhecem esta lei básica como a de maior extensão e penetração (Rom. 7:14; 8:4). A perfeita concretização e o perfeito cumprimento desta lei são vistos unicamente em Cristo (Rom. 10:4; Fil. 3:8 e 9). — *Systematic Theology*, pág. 538.

Ellen G. White expressou estas verdades em palavras ligeiramente diferentes:

A lei de Deus é tão sagrada como Ele próprio. É uma revelação de Sua vontade, uma transcrição de Seu caráter, expressão do amor e sabedoria divinos. A harmonia da criação depende da perfeita conformidade de todos os seres... com a lei do Criador. — *Patriarcas e Profetas*, pág. 52.

A divina beleza do caráter de Cristo, de quem o mais nobre e mais suave entre os homens não é senão um

pálido reflexo; de quem Salomão, pelo Espírito de inspiração escreveu: "Ele traz a bandeira entre dez mil... Sim, Ele é totalmente desejável" (Cantares de Salomão 5:10-16); de quem Davi, vendo-O em profética visão, disse: "Tu és mais formoso do que os filhos dos homens" (Salmo 45:2); Jesus, a expressa imagem da pessoa do Pai, o resplendor de Sua glória, o abnegado Redentor, através de Sua peregrinação de amor na Terra, foi uma viva representação do caráter da lei de Deus. Em Sua vida se manifesta que o amor de origem celeste, os princípios dos cristãos, fundamentam as leis de retidão eterna. — *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 50.

Para a compreensão exata e completa do que Deus tem em mira com Sua lei moral, precisa o cristão volver-se para Cristo. É Ele quem habilita a alma nascida de novo a viver nova vida. Esta é, de fato, a permanência de Cristo em seu coração, e daí o crente, pela sua submissão a seu Senhor, corporifica no coração e na vida os princípios do caráter de Deus.

A posição adventista em relação aos Dez Mandamentos com a salvação é exposta nas "Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia", parágrafo 8:

Que a lei dos Dez Mandamentos revela o pecado, cuja penalidade é a morte. A lei não pode salvar do pecado o transgressor, nem lhe comunicar poder que o guarde de pecar. Com infinito amor e misericórdia Deus provê um meio pelo qual isso se torna possível. Depara um substituto, o próprio Cristo, o Justo, para morrer em lugar do homem — "Aquele que não conheceu pecado, O fez pecado por nós; para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus." II Cor. 5:21. O homem é justificado, não pela obediência da lei, mas pela graça que há em Cristo Jesus. Aceitando a Cristo, é ele reconciliado com Deus, justificado por Seu sangue quanto aos pecados cometidos no passado, e salvo do poder do pecado pela permanência de Sua vida nEle. Assim o evangelho se torna "o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê". Este processo é efetuado pelo agente divino que é o Espírito Santo, o qual convence o homem do pecado e o conduz. Aquele que levou sôbre Si os pecados, introduzindo o crente na comunhão do novo concerto, sob o qual a lei de Deus lhe é escrita no coração, e pelo poder que lhe comunica o Cristo que nEle habita, sua vida é posta em conformidade com os preceitos divinos. A honra e mérito dessa maravilhosa transformação pertencem unicamente a Cristo. I S. João 3:4; Rom. 7:7; Rom. 3:20; Efés. 2:8-10; I S. João 2:1 e 2; Rom. 5:8-10; Gál. 2:20; Efés. 3:17 e Heb. 8:8-12.

E isto está em plena harmonia com o que é ensinado nas históricas confissões de fé:

O *Catecismo Valdense* (c. 1500) e a *Confissão dos Valdenses* (1655) citam os Dez Mandamentos e a Oração do Senhor como "fundamentos de nossa fé e de nossa devoção." E mais: "A fé

viva consiste em crer em Deus, ou seja, amá-Lo e guardar Seus mandamentos." (SCHAEFF, *The Creeds of Christendom*, vol. 1, págs. 572, 573 e 575; Vol. 3, págs. 757 e 768.)

O *Pequeno Catecismo de Lutero* (1529), depois de citar os Dez Mandamentos, conclui: "Devemos, portanto, amá-Lo e confiar n'Ele, e jubilosamente obedecer-Lhe os mandamentos." (SCHAEFF, vol. 3, pág. 77.)

O *Catecismo Heidelberg* (1563), o mais popular de todos os símbolos da Reforma, (e o primeiro a ser introduzido em solo americano) entre as igrejas reformadas da Holanda e da Alemanha (*idem*, vol. I, pág. 549), depois de extensa série de perguntas sobre o Decálogo, declara que os Dez Mandamentos são rigorosamente ordenados para que possamos "buscar com mais zelo o perdão dos pecados e a justiça em Cristo"; e "transformar-nos mais e mais à imagem de Deus." (*idem*, Vol. 3, págs. 340-349.)

A *Fórmula de Concórdia* (luterana, datada de 1576) afirma que os cristãos estão livres da "maldição e sujeição da lei" mas não da lei em si mesma. Sobre estes Dez Mandamentos devem eles meditar dia e noite, e "exercitarem-se continuamente na guarda delas." Condena como "falsa e perniciosa" a idéia de que o Decálogo não é a norma de justiça para o cristão. (*idem*, págs. 130-135.)

A *Confissão Escocesa de Fé* (1560), artigo XV, destaca a perfeição da lei e a imperfeição do homem (*idem*, págs. 456 e 457).

O *Catecismo Menor de Westminster* (1647), adotado pela Igreja da Escócia em 1648, pelo sínodo Presbiteriano de Nova York e Filadélfia em 1788, e por quase todas as igrejas calvinistas, presbiterianas e congregacionais. É a mais adotada que qualquer outra, exceto o Pequeno Catecismo de Lutero e a Confissão de Heidelberg (*id.* pág. 676). Declara que os Dez Mandamentos, ou lei moral, revela o dever que Deus requer do homem. E acrescenta: "Estamos ligados à guarda de todos os Seus mandamentos." (*idem*, págs. 678, 684 e 685.)

A *Confissão Batista de New Hampshire* (1833), aceita pelos Estados do Norte e do Oeste dos EE. UU. Artigo XII, "Da Harmonia da Lei com o Evangelho," declara que a lei de Deus é "a eterna e imutável regra de Seu governo moral," e que devemos, por meio de nosso Mediador, "sincera obediência à santa Lei," como um dos grandes fins do evangelho. (*idem*, pág. 746.)

Além disso, os adventistas partilham com milhares de homens eminentes de várias confissões religiosas — Calvino, Wesley, Clarke, Barnes, Spurgeon, Moody, G. Campbell Morgan, Henry Clay Trumbull, Billy Graham — na crença da perpetuidade da lei moral de Deus que são os dez mandamentos, e em estarem em vigor em todas as dispensações, como se pode confirmar por estas citações:

CALVINO — ETERNA REGRA DE VIDA. — Não devemos supor que a vinda de Cristo nos tenha livrado da autoridade da lei; pois ela é a eterna regra de uma vida santa e devota, e é, portanto, tão imutável como a justiça de Deus, que ela abrange de modo constante e uniforme. — *Commentary on a Harmony of the Evangelists* (1845), vol. I, pág. 277.

WESLEY — PERMANECE EM VIGOR. — Mas a lei mo-

ral contida nos dez mandamentos, e aplicada pelos profetas, Ele não aboliu. Não era objetivo de Sua vinda revogar qualquer parte dela. Trata-se de uma lei que jamais pode ser violada, que "permanece como fiel testemunha no Céu." A lei moral assenta-se em fundamento diferente daquele em que repousa a lei cerimonial ou ritual. . . . Todas as partes desta lei permanecem em vigor sobre toda a humanidade, em todas as épocas; não depende de lugar, ou quaisquer outras circunstâncias sujeitas a alteração, mas sim da natureza de Deus e da natureza do homem, e suas imutáveis revelações recíprocas. — *Sermons on Several Occasions*, vol. I, págs. 221 e 222.

MORGAN — OBEDIÊNCIA PELA FÉ. — É somente quando a graça capacita o homem a guardar a lei, que eles ficam livres dela; assim como o homem que vive de acordo com as leis do país está livre de ser preso. Deus não põe de lado a lei, mas encontrou uma maneira pela qual o homem pode cumpri-la, e assim esteja livre dela. — *The Ten Commandments* (1901), pág. 23.

SPURGEON — A LEI DE DEUS É PERPÉTUA. — Grandíssimos erros se têm cometido acerca da lei. Não há muito havia ao nosso redor os que afirmavam estar a lei totalmente ab-rogada e abolida, e ensinavam abertamente que os crentes não estavam na obrigação de fazerem da lei moral a regra de suas vidas. O que teria sido pecado em outros homens, eles não consideravam pecado em si mesmos. De um antinominianismo como este Deus nos livre . . .

A LEI DE DEUS TEM QUE SER PERPÉTUA. Não há nela nenhuma ab-rogação nem emenda. Deve ser ajustada à nossa condição de seres caídos; mas cada um dos juízos justos de Deus permanece para sempre. . . .

Eis que alguém me diz: "Olhe, em lugar dos dez mandamentos recebemos dois, e estes são mais fáceis de guardar." Respondo que esta compreensão da lei não é, de modo nenhum, mais fácil. Esta interpretação denota falta de conhecimento e de experiência. Esses dois mandamentos abrangem os dez em sua mais plena extensão, e não podem ser considerados como exclusão de um jota ou til daqueles. . . .

Cristo, pois, não ab-rogou ou mesmo enfraqueceu a lei em vir de encontro à nossa fragilidade; manteve-a em toda a sua sublime perfeição, como sempre deve ser deixada, e demonstrou quão profundos são seus fundamentos, quão elevadas suas alturas, quão imensuráveis seu cumprimento e largura. . . .

Para mostrar que Ele jamais pretendeu ab-rogar a lei, nosso Senhor Jesus exemplificou em Sua vida todos os seus mandamentos. Em Sua própria Pessoa havia uma natureza perfeitamente conformada com a lei de Deus; e como era Sua natureza, também o era Sua vida. Podia dizer: "Quem de vós me convence de pecado?" e acrescentar: "Tenho guardado os mandamentos de Meu Pai e permaneço em Seu amor." . . .

Por meio de Sua morte vindicou Ele a honra do governo moral de Deus, e o fez por iniciativa própria, para ser misericordioso. Quando o próprio legislador Se submete à lei, quando o próprio Soberano suporta a extrema punição dessa lei, então é a justiça de Deus posta num trono glorioso e exaltado para que todos os mundos admirados possam maravilhar-se à vista dela. Se, pois, está claramente provado que Jesus foi obediente à lei, até ao ponto de morrer, certamente Ele não veio para aboli-la ou ab-rogá-la; e se Ele não a mudou, quem pode fazê-lo? Se Ele declara que veio para estabelecê-la, quem a subverterá? . . .

A lei é absolutamente completa, e nada podeis acrescentar a ela ou tirar dela. "E qualquer que guardar toda a lei, e tropeçar num só ponto, torna-se culpado de todos. Porque Aquêle que disse: 'Não cometeras adultério, também disse, Não matarás. Se tu pois não cometeres adultério, mas matares, estás feito transgressor da lei.'" Se, portanto, nenhuma parte dela pode ser desfeita, ela permanece, e permanece para sempre. — *The Perpetuity of the Law of God*, publicado no *Spurgeon's Expository Encyclopædia*, por Baker.

BILLY GRAHAM — PERMANENTE E IMUTÁVEL — A palavra "Lei" é empregada pelos escritores do Novo Testamento em dois sentidos. Às vezes refere-se à lei cerimonial do Velho Testamento, que diz respeito a matéria ritualística e regulamentos sobre alimentos, bebidas e coisas dessa espécie. Desta lei os cristãos estão, de fato, livres. Mas o Novo Testamento fala também da lei moral, que é de caráter permanente e imutável e se acha sumariada nos Dez Mandamentos. — *Associated Press Dispatch*, *Chicago Tribune Syndicate*.

MOODY — LEI ETERNA: OBEDECIDA COM AMOR NO CORAÇÃO. — A pergunta a cada um de nós é: Estamos

guardando-os (os mandamentos)? Se Deus nos pesar por eles, seremos ou não achados em falta? Guardamos a lei, *tôda* a lei? Estamos obedecendo a Deus de todo o coração? Prestamos-Lhe plena e espontânea obediência? Estes dez mandamentos não são dez leis diferentes; são uma só lei. Se me acho suspenso no espaço por uma corrente de dez elos, e quebro um dêles, venho abaixo, tão certamente como se quebrassem todos os dez. Se estou proibido de sair de um terreno cercado, não faz diferença o ponto em que posso romper a cerca. "Todo aquêle que guardar tôda a lei e tropeçar num só ponto, tornou-se culpado de todos." "A cadeia doumada da obediência se rompe se faltar um elo..."

Por mil e quinhentos anos o homem estêve debaixo da lei, e nenhum se igualou a ela. Cristo veio e demonstrou que os mandamentos estavam além da mera letra; e pode alguém, depois disso, dizer que é capaz de guardá-la em sua própria força? ...

Posso imaginar o que estais dizendo a vós mesmos: "Se devemos ser julgados pelas leis, como devemos ser salvos? Cada um de nós tem quebrado uma delas — se não na letra pelo menos no espirito." E quase vos oiço dizer: "Gostariamos de saber se o Sr. Moody se acha preparado para ser pesado. Gostaria êle de passar por êsses testes?"

Com tôda humildade respondo que se Deus me ordenou a entrar nos pratos da balança agora, estou preparado. "Como!" direis, "não tendes quebrado a lei?"

Sim, quebrei-a. Era, diante de Deus, um pecador como vós; mas há quarenta anos, confessei-me culpado diante de Seu tribunal. Clamei por misericórdia, e Ele me perdoou. Se eu entrar nos pratos da balança, o Filho de Deus prometeu estar comigo. Não ousei entrar lá sem Ele. Se o fizesse, quão depressa os pratos se ergueriam!

Cristo guardou a lei. Se Ele a tivesse violado, teria que morrer por Si próprio; mas como era o Cordeiro sem mancha ou culpa, Sua morte expiatória é eficaz para vós e para mim. ... Cristo é o fim da lei para a justiça a todo o que crê. Somos justos à vista de Deus devido à Sua justiça, que, pela fé em Jesus Cristo, é para todos e sobre todos os que creem. ...

Se o amor de Deus é derramado sobre vosso coração sereis capazes de cumprir a lei. — *Weighed and Wanted* (Pesado e Achado em Falta) págs. 119-124.

"MOODY MONTHLY" — CRISTO AMPLIOU O OBJETIVO DA LEI. — Há alguns anos passados publicou-se uma série de artigos na revista *Moody Bible Institute Monthly* (Mensário do Instituto Bíblico Moody) sob o título geral "Estão os Cristãos Livres da Lei?" Declara o autor logo no primeiro artigo: "Vejamos agora como a lei moral é realçada, ampliada e vigorada em todos os seus pormenores no Nôvo Testamento." Demonstra como Cristo e os apóstolos trataram dela:

Longe de anular qualquer dos Dez Mandamentos, Êle (Cristo) ampliou-lhes o escopo, ensinando que um pensamento irado ou palavra amarga violava o sexto mandamento, e um olhar lascivo violava o sétimo (S. Mat. 5:21, 22, 27 e 28).

O ensino dos apóstolos sob a inspiração do Espírito Santo, é ainda mais enfático e explícito concernente ao escopo e obrigações da lei moral. — *Moody Bible Institute Monthly*, outubro de 1933.

DISTINÇÃO ENTRE O DECÁLOGO E A LEI CERIMONIAL

Pergunta 13

Em que base os adventistas do sétimo dia consideram como separadas a "lei moral" e a "lei cerimonial", em vista daquilo que nosso Senhor cumpriu na cruz do Calvário?

Verificamos que há amplas bases bíblicas para fazer-se esta distinção. Os Dez Mandamentos, ou o Decálogo, constituem, em princípio, a eterna lei de Deus. Esta lei não é apenas eterna, mas imutável. É o fundamento de Seu trono; é a expres-

são de Seu caráter. Desde que ela representa Seu caráter — ou aquilo que o próprio Deus é — cremos que é eterna como o eterno Deus.

Esta idéia pode ser vista nos seguintes atributos inerentes a Deus e em Sua lei:

Deus é		Sua lei é	
Justo	Esdras 9:15	Justiça	Sal. 119:172
Perfeito	S. Mat. 5:48	Perfeita	Sal. 19:7
Santo	Lev. 19:2	Santa	Rom. 7:12
Bom	Sal. 34:8	Boa	Rom. 7:12
Verdade	Deut. 32:4	Verdade	Sal. 119:142

Conquanto isso seja exato em relação à eterna lei de Deus como se acha expressa no Decálogo, não o é em relação à lei cerimonial que Deus deu a Israel. Esta lei compreende os tipos e sombras, diz respeito ao sistema sacrificial de Israel. Tôdas as ofertas sacrificiais, dias festivos, e mesmo o sacerdócio — tudo que fôsse típico do sacrifício e ministério de Cristo nosso Senhor — encontraram seu fim na cruz do Calvário. Isto, cremos, é que o apóstolo expressou ao escrever que Cristo "na Sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças" (Efés. 2:15).

"Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz." Col. 2:14.

"Que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo" (verso 17).

A distinção entre a lei moral de Deus — o Decálogo — e a lei cerimonial pode ser vista nos seguintes fatos:

O Decálogo

1. Proferido pelo próprio Deus. Êxo. 20:1 e 22.
2. Escrito por Deus. Êxo. 31:18; 32:16.
3. Sobre pedras. Êxo. 31:18.
4. Entregue por Deus, seu autor, a Moisés. Êxo. 31:18.
5. Depositado por Moisés "dentro da arca". Deut. 10:5.
6. Trata de preceitos morais. Êxo. 20:3-17.
7. Revela o pecado. Rom. 7:7.
8. A transgressão "da lei" é "pecado" I S. João 3:4.
9. Deve ser "guardada tôda a lei." Tiago 2:10.
10. Devemos "ser julgados" por esta lei. Tiago 2:12.
11. O cristão que guarda esta lei é bem-aventurado no seu feito." Tiago 1:25.
12. "A perfeita lei da liberdade" 12. Tiago 1:25 (Cf. Tiago 2:12.)
13. Estabelecida pela fé em Cristo. Rom. 3:31.
14. Cristo devia "honrar a lei e torná-la gloriosa." Isa. 42:21.
15. "Sabemos que a lei é espiritual." Rom. 7:14 (cf. verso 7).

A Lei Cerimonial

1. Proferida por Moisés. Êxo. 24:3.
2. Escrita por Moisés. Êxo. 24:4; Deut. 31:9.
3. Num livro. Êxo. 24:4 e 7; Deut. 31:24.
4. Entregue por Moisés, seu autor, aos levitas. Deut. 31:25 e 26.
5. Depositada pelos levitas "ao lado da arca." Deut. 31:26.
6. Trata de assuntos cerimoniais e rituais. (Ver partes de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.)
7. Nenhum pecado em sua transgressão, pois agora está "abolida." Efés. 2:15. ("Onde não há lei, não há transgressão". Rom. 4:15).

9. Os apóstolos não deram "nenhum mandamento" para "guardar a lei." Atos 15:24.
10. Não devemos ser julgados por ela. Col. 2:16.
11. O cristão que guarda esta lei é "bem-aventurado (Ver, por exemplo, Gál. 5:1-6.
12. O cristão que guarda esta lei perde a liberdade: Gál. 5:1 e 3.
13. Abolida por Cristo. Efés. 2:15.
14. Cancelada "a cédula de ordenanças que era contra nós." Col. 2:14.
15. "A lei do mandamento carnal." Heb. 7:16.

Deve-se também observar que as principais confissões de fé, e os credos históricos da cristandade, reconhecem a diferença entre a lei moral de Deus, os Dez Mandamentos, ou Decálogo, como separada e distinta dos preceitos cerimoniais. O que segue são alguns deles:

A *Segunda Confissão Helvética* (1566), da Igreja Reforma de Zurique, e um dos mais autorizados símbolos do Continente (Philip Schaff, *The Creds of Christendom*, vol. 1, págs. 391, 394 e 395), no capítulo 12 intitulado "Da Lei de Deus," depois de contrastar as leis "moral" e "cerimonial", diz a respeito daquela: "Cremos que tôda a vontade de Deus, e todos os preceitos necessários, para todos os deveres desta vida, são totalmente outorgados nesta lei" (não que devamos ser justificados por ela, mas que devemos volver a Cristo pela fé). Os tipos e figuras da lei cerimonial cessaram. "A sombra cessou quando veio o corpo," contudo a lei moral não deve ser desdenhada ou rejeitada e todos os ensinamentos contrários à lei são condenados. (Ver Schaff, vol. 3, págs. 854-856.)

Trinta e Nove Artigos de Religião da Igreja da Inglaterra (1571). O Artigo VII declara que embora "a lei dada por Deus a Moisés" concernente a "cerimônias e ritos" não esteja em vigor, "nenhum cristão se acha livre da obediência aos mandamentos, denominados morais." (Ver Schaff, vol. 3, págs. 491 e 492.)

A *Revisão Americana dos Trinta e Nove Artigos da Igreja Protestante Episcopal* (1801) é idêntica à precedente. (Ver Schaff, vol. 3, pág. 816.)

Os *Artigos Irlandeses de Religião* (1615), que se admite terem sido compostos pelo arcebispo Ussher, depois de afirmar que a lei cerimonial foi abolida, conclui: "Nenhum cristão se acha livre de obe-

diência aos mandamentos chamados morais." (Ver Schaff, vol. 3, págs. 526 e 541.)

A *Confissão de Fé de Westminster* (1647), depois de mostrar a diferença entre as leis cerimonial e moral, a ab-rogação daquela e a perpetuidade desta, no capítulo 19 declara: "a lei moral obriga a todos para sempre," não para justificação, mas como regra de vida, a fim de reconhecer o poder capacitador de Cristo. Esta lei continua a ser "uma perfeita regra de justiça." E acrescenta: "Nem Cristo no evangelho de modo algum desfaz esta obrigação, mas a fortalece muito." (Ver Schaff, vol. 3, págs. 640-644.)

A *Declaração de Savóia das Igrejas Congregacionais* (1658). Não há nenhuma alteração no capítulo 19, "De Lei de Deus," extraído da Confissão de Westminster. (Ver Schaff, vol. 3, pág. 718).

A *Confissão Batista* de 1688 (Filadélfia), baseada na de Londres, de 1677, não apresenta nenhuma alteração da parte extraída da Confissão de Westminster no capítulo 19, "Da Lei de Deus." Trata da distinção entre as duas moral e cerimonial, e afirma que nenhum cristão está livre da obediência à lei moral. (Ver Schaff, vol. 3, pág. 738.)

Artigos Metodistas de Religião (1784). Êstes vinte e cinco artigos, redigidos por João Wesley para os metodistas americanos, são um resumo dos Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra, e declaram: "Embora a lei dada por Deus a Moisés, no que refere a cerimônias e ritos, não obriga os cristãos, e nem os preceitos civis necessitam ser recebidos em qualquer comunidade, contudo, nenhum cristão está livre da obediência aos mandamentos chamados morais." (Ver Schaff, vol. 3, págs. 807 e 808.)

A conclusão de tudo que se mencionou atrás é, pois, clara: A posição mantida pelos adventistas do sétimo dia no que tange à relação com o Decálogo, e sua distinção entre as leis moral e cerimonial, é plenamente sustentada pelos principais credos, artigos de fé e catecismo do Protestantismo histórico. O conceito de que o Decálogo foi abolido pela morte de Cristo é relativamente recente. Certamente isto não estava na cogitação dos pais fundadores do Protestantismo, pois está em total conflito com a crença deles.

A Supremacia da Bíblia

(Continuação da pág. 4)

Há alguns meses passados ouvi do Presidente da Junta Consultiva da Sociedade Bíblica no Uruguai, pastor Emílio Castro, da Igreja Central Metodista de Montevideú, a informação de que os adventistas são os melhores compradores de Bíblias, neste país. Sim, com freqüência ouvimos dos editores da Bíblia que os adventistas estão sempre entre os seus melhores fregueses. Não pro-

cede, pois, a imputação de que encontramos nos escritos da Sra White um substituto para o divino Livro.

Neste número de O Ministério Adventista, dedicado ao Espírito de Profecia, rendemos a Deus o nosso reverente louvor pela dádiva da Bíblia, que nos orienta nas veredas da vida. Rendemos-Lhe também o testemunho de nossa gratidão pela manifestação do Espírito de Profecia na igreja romanescante, a "luz menor" que conduz "homens e mulheres à luz maior", o Santo Livro de Deus.